



Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



Ciência e Religião
"E assim se fez"

Apocalipse
Testemunho fiel e verdadeiro

A ordenação
no Novo Testamento



Willmore D. Eva

Editor de Ministry

CONFISSÕES DE UM TEÓLOGO

Não faz muito tempo, caiu-me nas mãos um opúsculo intitulado *The Faith, Wit and Wisdom* [A Fé, Razão e Sabedoria], de Gerald H. Minchin. O Dr. Minchin serviu à Igreja como pastor e professor durante os anos 1920 a 1960, e era um homem genuinamente espiritual que, com muito fervor, franqueza e honestidade, refletia sobre a sua fé.

Seguindo o subtítulo “Coisas que eu não entendo”, ele relaciona, como que em confissão, o seguinte:

“Eu não entendo a razão ou a lógica da oração intercessória, mas sei que ela funciona.

“Eu não entendo por que um Deus onipotente não poderia ter feito algo para impedir a entrada do pecado no mundo.

“Eu não entendo por que Deus não Se revelou de tal modo que ninguém pudesse confundir Sua mensagem ou o significado dela.

“Eu não entendo por que algumas profecias não foram elaboradas de maneira tão clara, de modo que certos estudiosos não tivessem que inventar interpretações diferentes.

“Eu não entendo por que Ele não nos deixou um livro cujo entendimento fosse tão claro para todas as pessoas, de modo que indivíduos, até sinceros, não precisassem discordar.

“Eu não entendo por que Deus, algumas vezes parece tão silente quando Seus filhos agonizam em oração.”

No fim da lista, ele diz: “Acho muito difícil dizer o que Deus poderia fazer sob esta ou aquela condição. Não tenho todos os fatos e, nesse caso, eu não sei o que fazer com eles. Até alguns anos atrás, eu pensava que tinha todas as respostas. Porém, quanto mais velho fico, mais certo estou de que existem muitas coisas sobre as quais nada sei.”

Tais como Gerald H. Minchin, todos nós lutamos com uma série de assuntos sobre os quais dizemos: “não sei”. A diferença, talvez, é que o Dr. Minchin confessou abertamente e, ao fazer assim, tornou-se como qualquer um de nós que nos deparamos com questões que desafiam a nossa fé. Quão confortador e animador é saber que não estamos sozinhos nessa luta! É muito tranquilizador quando uma “autoridade” faz esse tipo de confissão. Especialmente quando se mostra honesta a respeito de suas limitações, e mesmo quando a filosofia prevalecente exerce alguma pressão para que ela não aja desse

modo. É muito valioso quando alguém se recusa a desempenhar o falso papel de estar supremamente seguro a respeito de todos os assuntos.

Porém, em tudo isso, é muito importante que a pessoa que faz tal confissão nunca deixe de crer e abraçar com os dois braços e todo o coração as maravilhas do amor de Deus, tal como revelado em Jesus Cristo. Expressar dúvidas, irrefletidamente, é uma das coisas mais prejudiciais que um pastor pode fazer. Mas não é disso que estou falando aqui. Na verdade, estou me referindo à honestidade, à humildade e à admissão de que, embora não tenhamos todas as respostas, ainda cremos de todo o coração.

Humildade e honestidade andam de mãos dadas. Essas características geram simpatia, afeto e confiança no coração das pessoas em relação a nós, e fazem com que

elas saibam que podemos nos relacionar com elas em suas lutas, seus temores e dúvidas. Nossa época é caracterizada por um cinismo cético, não apenas em relação à fé que dizemos ter abraçado, mas, não raro, em relação a nós como “crentes”. A fé cristã e os cristãos estão sendo questionados como nunca o foram.

Em reação a tal cinismo, muitos dentre nós temos assumido uma postura bombástica, quase pomposa, que deixa as pessoas com a impressão de

que somos os “sabe-tudo”, e que elas devem nos ouvir, caso também queiram ser beneficiadas com tal dotação. A verdade é que esse comportamento vaidoso tem produzido mais separação do que atração. Apenas uns poucos são conquistados, e eu não estou certo de que isso lhes faz bem durante muito tempo.

Na conclusão da lista de confissão elaborada por Gerald Minchin, há uma declaração que considero verdadeiramente magnífica: “Perto de morrer, Isaac Newton disse: ‘Sou como uma criança brincando com grãos de areia na praia, enquanto o oceano da verdade estende-se infinito diante de mim’.” Permitamos que Deus nos ajude a desenvolvermos o mesmo tipo de humilde reconhecimento de quem somos e onde estamos. Fomos chamados, creio plenamente, a viver essa modéstia verdadeira, essa acessibilidade e honestidade a respeito de nossa vocação e da nossa fé, à medida que nos relacionamos com aqueles que procuramos encaminhar a Cristo.

Não temos todas as respostas, mas podemos crer de todo o coração



William de Moraes

ESCOLHIDOS PARA SERVIR

A vida cristã é um sacerdócio. Isso significa não apenas que todo crente tem livre e direto acesso a Deus, mas também que tem “sacrifícios espirituais” a oferecer (I Ped. 2:5), isto é, deve apresentar-se “por sacrifício vivo” (Rom. 12:1), de modo que se torne instrumento de redenção, proclamando a salvação de Deus. Cada crente é um ministro e, como membro do corpo de Cristo (a igreja), tem funções a desempenhar, as quais são necessárias à saúde desse corpo e ao cumprimento de sua missão no mundo.

Conseqüentemente, o ministério não é uma ordem especial de homens superiores ao restante do povo. É uma função de toda a igreja, distribuída entre seus membros segundo os vários chamados de Deus a cada um, e segundo os dons espirituais recebidos. Porém, por designação divina, a Igreja também delega a vários de seus membros aspectos específicos de suas funções. Ou, em outras palavras, Deus chama pessoalmente certos membros da Igreja para um dos ministérios que ela reconhece ser necessário à sua existência e ao seu trabalho. Ou seja, o chamado ao ministério pastoral é, primeiramente, um chamado interior, uma convicção, por parte do indivíduo, de que a vontade de Deus é que ele seja útil no desempenho da parte que a Igreja lhe designou. Esse ministério é conferido e sancionado por uma ordenação ou consagração.

Dessa forma, a ordenação é um ato através do qual a Igreja separa uma pessoa que considera ter sido chamada por Deus. Ela não pode chamar um ministro à existência,

mas é autoridade para confirmar o fato de que ele foi chamado e dar reconhecimento oficial aos dons com que foi contemplado. Não se trata de uma separação destinada a colocá-lo numa posição autoritária, mas de serviço à Igreja. A ordenação não tem como objetivo produzir castas superiores ou inferiores de cristãos; não é prêmio por alguma conquista. É, simplesmente, uma dádiva da graça de Deus.

Que não seja minimizada, porém, a santidade do chamado pastoral. Embora Ellen White tenha dito ser “um erro fatal supor que a obra de salvar almas depende apenas do ministro ordenado”, ela também considerou o ministério ordenado “um cargo sagrado e elevado”. Para ela, não existe na Terra “uma obra mais abençoada por Deus”.

Segundo o *Guia Para Ministros*, pág. 80, “os ministros ordenados não pertencem a si mesmos, mas a Deus. Seu tempo, talentos e vida são dedicados a Ele sem reservas, pois são Seus porta-vozes e representantes de Sua Igreja. ... O cuidado e a salvação de almas constituem um importante encargo a eles confiado, ‘a tempo e fora de tempo’ (II Tim. 4:2). O propósito divino é que não haja liberação dessa vocação enquanto houver vida e força – até que o Senhor, ‘justo Juiz’, entregue ‘a coroa da justiça’ a todos os Seus servos fiéis ‘naquele dia’, o dia de Sua vinda (II Tim. 4:8)”.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 76 – Número 04 – Julho/Agosto 2005
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação: Lenice F. Santos

Revisoras: Josiéli Bueno e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher;
Marcos S. Santos

Programador Visual: Marcos S. Santos

Fotos de Capa: Daniel Oliveira e Dynamic Graphics

Colaboradores Especiais:

James Cress; Alejandro Bullón; Jonas Arrais;
Willmore Eva; Júlia Norcott;

Colaboradores:

Acílio Alves Filho; Arlindo Guedes;
Barito Lazo; Cícero F. Gama;
Francisco Carlos Bussons;
Guillermo Rojas; Ivanauo B. Oliveira;
José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;
Moisés Rivero; Roberto Gullón

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

www.cpb.com.br

Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br

Redação: ministerio@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaelministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970
Brasília, DF

Tiragem: 5.300 exemplares
5953/14161



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, sem prévia autorização
escrita do autor e da editora.

11 FOGO ESTRANHO NA ADORAÇÃO
Uma confrontação entre a dança litúrgica da Bíblia e a dança atual.

13 “E ASSIM SE FEZ”
Evidências bíblicas da origem divina da vida.

16 POPULARIDADE: PRIVILÉGIO OU ARMADILHA?
Os perigos da fama para um pastor.

17 A ORDENAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO
Antecedentes bíblicos de uma prática que indica a confirmação do dom pastoral.

21 LIÇÕES DA NOSSA TRADIÇÃO
Como nasceu e se desenvolveu o conceito de evangelismo integrado no adventismo.

23 TESTEMUNHO FIEL E VERDADEIRO
O que Laodicéia tem a nos ensinar, ainda hoje, em pleno século 21.

27 UM DUETO AFINADO
Veja como o pastor e o médico podem trabalhar como uma equipe missionária.

29 COMBATE À INFIDELIDADE
Último artigo da série sobre ética sexual no ministério pastoral.

Cartas

AFAM

Com respeito à matéria intitulada “Em busca do verdadeiro Deus”, na seção da Afam (março-abril, 2005), considereei muito boa a aplicação feita pela autora. Entretanto, cabem duas observações:

1. O reinado de Salomão se deu no século 9 a. C., e não no século 6 a. C.

2. Embora a cifra calculada para o presente da rainha de Sabá seja impressionante, o valor era maior ainda. Vejamos: 120 talentos equivaleriam a algo entre 4 a 4,5 toneladas. Sendo o grama de ouro cotado a aproximadamente 14 dólares (R\$ 37,50 no final de 2004), teríamos, grosso modo, uma quantia entre 56 a 63 milhões de dólares.

Darcy Garcia, professor na Faculdade de Administração, Iaene, Cahoeira, BA

APRECIÇÃO

Devemos ser muito agradecidos pela existência desta revista. Ela é uma inspiração. Aprecio especialmente os artigos que tratam do crescimento da igreja.

P. Balley, Virgínia, Estados Unidos

RECUPERAÇÃO DOLOROSA

Meu comentário é sobre o artigo “Recuperação dolorosa”, de Miroslav Kis (março-abril, 2005). Em Romanos 6:1, Paulo diz que a salvação é uma experiência de morte para o pecado e um viver por Cristo e com Cristo. Mas tal experiência não acontece de uma vez por todas; na verdade, é uma luta constante. Como Ellen White escreveu, “deve ser sustentada guerra constante contra a mente carnal; e precisamos ser ajudados pela refinadora influência da graça de Deus, a qual elevará a mente e a acostumará a meditar no que é puro e santo” (Testemunhos Para a Igreja, vol. 2, pág. 479). Isso é teologia.

Porém, como esposas de pastores, temos um dever de proteger a fidelidade do nosso esposo ao seu chamado ministerial. Necessitamos permanecer ao seu lado, apoiando-o em seu pastorado, compreendendo suas necessidades emocionais, amando-o e relacionando-nos de tal modo que ele conserve sagrados seus votos conjugais e pastorais.

Esposas solidárias, compreensivas e comunicativas podem contribuir muito para a saúde emocional e a fidelidade do esposo pastor, livrando-o de cair no abismo do pecado sexual.

Estrella Anacleto Jordan, Prilly, Suíça

“Sejamos gratos,
se um dia nos
encontrarmos
sob as luzes
da ribalta. Mas
estejamos seguros
de que o seu
brilho vem do Sol
da Justiça.”

Vincent Tigno Jr.

Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

4 CARTAS

5 ENTREVISTA

8 AFAM

9 PONTO DE VISTA

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

O CAMPO DOS CONTRASTES

Na Missão do Lago Titicaca, a igreja cresce indiferente aos paradoxos e dificuldades da região

por Jonas Arrais

Antes de assumir a presidência da Missão do Lago Titicaca, em dezembro do ano passado, o Pastor Julio Medina serviu como pastor de igreja em vários Campos peruanos e foi secretário da Missão Peruana do Sul. A sede da Missão está situada na cidade de Puno, junto ao lago Titicaca, o mais alto lago navegável do mundo, 3.834 metros acima do nível do mar. O Pastor Medina formou-se em Teologia no Seminário Teológico da Universidade Peruana União, Upeu, em 1982. É casado com Carol Rojas, coordenadora dos Ministérios da Mulher, da Criança e do Adolescente e diretora do Departamento de Lar e Família. O casal tem três filhas: Carol, Tammy e Leslie.

Um dos maiores distritos pastorais da Missão do Lago Titicaca é distrito de Macusani, liderado pelo Pastor Roger Quispe Machaca. Possui mais de 30 congregações situadas em diferentes geografias. Por exemplo, nessa região está a cidade de Azaroma, a mais de 5.200 metros de altitude e que, nos dias mais frios, enfrenta uma temperatura de aproximadamente 20 graus negativos. Num outro extremo, parte do distrito se estende até a selva peruana, onde a temperatura chega a 40 graus positivos. O Pastor Quispe também formou-se em Teologia no Seminário da Upeu e é casado com Betty Gladys Coila, professora do curso fundamental.

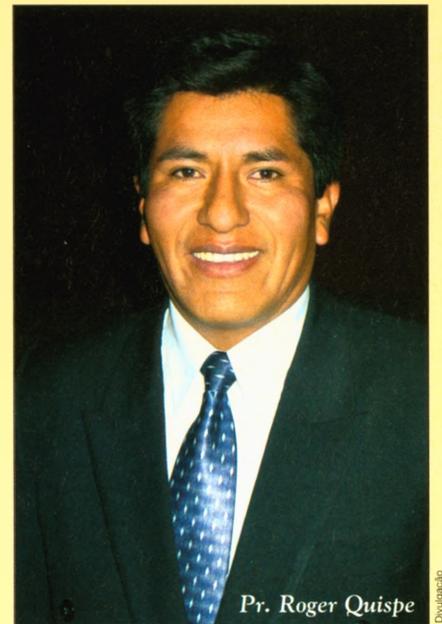


Pr. Julio Medina

Esses dois pastores foram entrevistados durante uma programação de treinamento para pastores e anciãos, na União Peruana.

Ministério: *Fale um pouco sobre esta Missão, que tem crescido muito nos últimos anos.*

Pastor Medina: A Missão do Lago Titicaca possui 255 igrejas e 410 grupos organizados, somando um total de 665 congregações. Temos, atualmente, 31 distritos pastorais e contamos com mais de 123 mil membros. Nossas escolas somam 60, com aproximadamente 4.500 alunos. Em nosso território também há uma filial da Universidade Peruana União, com mais de mil estudantes, e contamos ainda com



Pr. Roger Quispe

uma clínica médica na cidade de Juliaca. Deus tem abençoado muito este Campo na área do evangelismo; mas temos grandes desafios financeiros. Esta é uma região muito carente.

Ministério: *Quantas pessoas foram batizadas no ano passado, e que métodos produziram melhores resultados?*

Pastor Medina: Graças a Deus, ao trabalho árduo dos pastores e ao grande envolvimento dos membros das igrejas, 7.514 pessoas foram acrescentadas à nossa Missão. O segredo de tamanho sucesso é ter um programa agressivo de evangelismo, no qual os membros são incluídos e coordenados pelos pastores das respectivas igrejas. Somado a isso, temos a realização de várias campanhas de colheita. A maior delas foi a "Caravana do poder", cuja idéia nasceu aqui neste Campo e está se espalhando por várias Uniões da Divisão Sul-Americana.

O alto nível de comprometimento missionário dos membros explica o crescimento evangelístico do Campo

Ministério: Qual é o grande desafio para 2005?

Pastor Medina: Queremos estabelecer 2.500 pequenos grupos, envolver dez mil discípulos – aos quais chamamos de Gideões – dando estudos bíblicos, e, junto com outras estratégias de evangelização, queremos levar ao batismo 10.500 novos crentes. É um sonho, mas, até o mês de março tínhamos alistados cinco mil membros diretamente envolvidos em atividades evangelísticas.

Ministério: Qual é a característica marcante da igreja na Missão do Lago Titicaca?

Pastor Medina: Indubitavelmente, é a resposta pronta dos membros para os eventos de treinamento e capacitação. Eles vêm com alegria e aceitam os desafios evangelísticos que compartilhamos com eles. Nossa geografia é cheia de contrastes e há longas distâncias. Alguns irmãos chegam a viajar 30 horas a fim de participar dos encontros de treinamento. Considero isso um alto nível de comprometimento com o programa denominacional. Não somos um Campo forte no aspecto financeiro, mas contamos com uma igreja maravilhosa.

Ministério: O que representa para o senhor, Pastor Quispe, pastorear mais de 30 congregações, em uma região de tantos contrastes, acesso e locomoção difíceis?

Pastor Quispe: Na realidade, não foi difícil adaptar-me aos climas contrastantes e à grande altitude. Agrade-

ço a Deus a saúde e disposição que Ele me dá para atender uma região com tantos desafios. Sinto-me feliz ao ver a alegria dos irmãos diante da assistência pastoral que recebem. Confesso que gostaria de atender com mais frequência cada uma das minhas congregações, mas as dificuldades impostas pela geografia impedem que isso aconteça. Muitas vezes, tenho que sair de casa 1h da madrugada, a fim de conseguir algum tipo de transporte para ir a determinados lugares. Outras vezes, quando não há outro jeito, vou a cavalo ou a pé. Tenho uma igreja em Phalca e para chegar até lá, preciso caminhar três dias. Não há estradas pavimentadas e vou andando pelas trilhas.

Ministério: São esses os únicos desafios do seu trabalho?

Pastor Quispe: Também tenho que atender algumas congregações na selva peruana. Nesse caso, enfrento calor, mosquitos e insetos transmissores da febre amarela e da hepatite B. Muitas vezes, tenho que caminhar à noite pela selva, somente com uma lanterna, livrando-me das cobras venenosas e de outros bichos. Mas dou graças a Deus, porque até agora nenhum enfermidade me atingiu.

Ministério: E quanto ao desenvolvimento educacional da população?

Pastor Quispe: A maioria dos habitantes desta região fala o espanhol, mas há muitas pessoas que só falam o quéchua. Minha esposa e eu falamos esse idioma desde quando éramos crianças, e assim fica mais fácil pregar

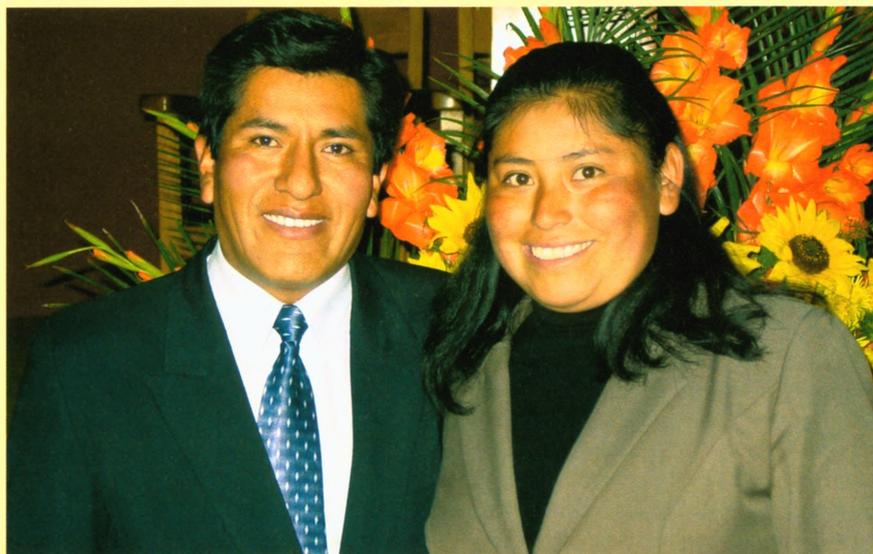
e cantar. Isso nos tem ajudado nas programações evangelísticas, pois falar a língua nativa quebra qualquer preconceito. Existe outro povo nativo que fala o aymara. Como eu não falo esse dialeto, dependendo da ajuda dos membros para evangelizar essa gente. Aproximadamente 70% da população não sabem ler ou escrever. Através da evangelização, a igreja está se tornando também um centro de ensino, pois ensinamos as pessoas a ler durante o estudo bíblico. Além do conhecimento de Jesus, elas aprendem a ler. Acho que isso é um privilégio.

Ministério: De onde vêm tanta paixão e disposição para o atendimento destas igrejas?

Pastor Quispe: Além do amor a Deus e à Sua causa, durante vários anos servi ao exército peruano e aprendi a ter coragem, perseverança, não desanimar facilmente e não ter medo diante de obstáculos. Essa disciplina militar adquirida no passado me ajuda a enfrentar os desafios do ministério pastoral. Hoje, sou um soldado de Cristo e não poderia realizar o trabalho que Deus me confiou com menor prontidão do que a que possuía quando estava no exército. A conscientização de que sirvo ao Senhor enche meu coração de um sentimento além do mero patriotismo.

Ministério: Sua esposa adaptou-se facilmente a essa região tão desafiadora?

Pastor Quispe: Desde quando era criança, minha esposa tinha vontade de ser missionária e casar com um pas-



Casal Quispe: unidos no trabalho pastoral

tor. Esse sonho se tornou realidade e ela é muito feliz por estar onde se encontra e fazer o que faz. Ela é professora mas, atualmente, me ajuda muito como voluntária no ministério pastoral, coordenando as atividades dos Ministérios da Mulher, da Criança e do Adolescente em todo o distrito. No trabalho de evangelização, ela realiza seminários de saúde pública e, algumas vezes, também apresenta sermões. Desse modo, os desafios que enfrentamos juntos não são motivo de desânimo ou tristeza, mas de alegria. Agradeço a Deus a esposa que me deu.

Ministério: *Quantas pessoas foram batizadas em seu distrito, no ano passado?*

Pastor Quispe: Pela graça de Deus, foram batizadas 417 pessoas. Para isso, as igrejas foram bem preparadas, treinadas e equipadas para o evangelismo em seus diferentes ramos. Um dos métodos mais eficazes foi o evangelismo pessoal com os “Gideões”. São membros voluntários que vão de casa em casa, oferecendo estudos bíblicos, estudando a Bíblia com as pessoas que aceitam e as levando para as reuniões evangelísticas, à noite.

Metas para 2005: 2.500 pequenos grupos, 10 mil “Gideões”, 10 mil batismos

Ministério: *Como é possível treinar e equipar tantas congregações?*

Pastor Quispe: O distrito é dividido por regiões e então são realizadas reuniões periódicas com os membros de cada região. Quando são convocados, a reposta é simplesmente maravilhosa. Recebem orientações, Bíblias, estudos bíblicos “A fé de Jesus” e folhetos para contatos. Algum tempo depois, são realizadas campanhas regionais de colheita. Os resultados são ótimos. É bom lembrar que muitas pessoas convertidas são batizadas em

rios e lagos com água muito fria. Nas épocas mais frias é preciso abrir espaço entre as águas congeladas nos lagos. Mas elas se sentem felizes, porque o amor que têm pelo evangelho é tão forte que não vêem nenhuma dificuldade nisso; e também estão acostumadas a tomar banhos gelados em suas casas. Mesmo assim, creio que vão pensar duas vezes antes de cometerem um erro que exija o rebatismo.

Ministério: *Com essa experiência, o que o senhor diria a um pastor que porventura esteja lutando contra o fantasma da desmotivação?*

Pastor Quispe: Há muitas pessoas dentro na igreja e fora dela que dependem do nosso trabalho pastoral. Muitas precisam ser visitadas, outras, necessitam de conselhos, e existem aquelas que não conhecem Jesus e precisam encontrar o caminho da salvação. Como ficar desanimado diante de tão grande e solene responsabilidade? Deus conta com nossa participação e precisamos estar conscientes de que este é o tempo em que podemos dar o nosso melhor para Ele. ☺

UMA CONGREGAÇÃO QUE FLUTUA

A igreja adventista de Balceros está situada em uma ilha flutuante, a ilha dos Uros, no Lago Titicaca, perto da cidade de Puno. É uma congregação pertencente à Missão do Lago Titicaca. A florescente congregação de Balceros conta com 50 membros que, no ano passado, levaram 13 pessoas ao batismo. Liderada pelo ancião Silvério Lugano Jilapa, a igreja é composta, em sua maioria, por nativos aymaras.

Nessa região do lago existem aproximadamente 17 outras ilhas flutuantes, nas quais vivem quase 160 famílias, totalizando em média mil pessoas. Em uma dessas ilhas, há uma escola adventista que, durante muitos anos, foi o local das reuniões religiosas. Atualmente, essa escola possui 30 alunos e abriga uma congregação de 23 mem-



bro que falam o idioma nativo kapinos, que é uma fusão do espanhol com o aymara.

As ilhas flutuantes são formadas de uma vegetação chamada Totora, uma planta aquática que se desprende do fundo do lago em ocasiões de cheias e se aglomeram, formando as ilhas. A planta serve para muitas coisas. Os nativos a usam como alimento, pois no seu interior há um tipo de cana de açúcar. Além dessa utilização, também é empregada na fabricação de pequenos barcos, cabanas para moradia, colchões, e também no artesanato.

Sem sombra de dúvidas, a igreja de Balceros é uma inspiração para quem a visita.



CONFORME AS TUAS FORÇAS



Welida Dancini Silva

Psicóloga, esposa de pastor na Associação Bahia Sul

O emprego do melhor de nosso tempo e nossas habilidades na causa de Deus abençoará e transformará pessoas

E screveu Salomão: “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças..” (Ecles. 9:10). Gosto de meditar nesse verso bíblico e, por meio dele, tenho retirado inúmeras lições para minha vida. Percebo nele uma ordem de Deus para nós.

Como resultado de uma cultura que, durante anos, pregou que a mulher devia permanecer calada e atuando apenas na esfera doméstica, muitas mulheres ainda se retraem quando são confrontadas com oportunidades para se tornarem mãos ajudadoras do Senhor. Dessa forma, privam-se de um privilégio incomparável: o de se envolverem lado a lado com Deus no avanço de Sua Causa.

O texto diz claramente que tudo o que vier às nossas mãos deve ser feito, não pressupondo a opção de escolha entre nos disponibilizarmos ou não para realizar a tarefa. É categórico, ao dizer que “tudo” o que nos chegar às mãos deve ser feito conforme nossos dons, o que também implica dizer que devemos dar o nosso melhor. Jesus espera que sejamos Suas colaboradoras. Há muito a ser feito e precisamos oferecer nossos dons e talentos para o cumprimento da missão a nós confiada. Muitas pessoas poderão ser alcançadas, abençoadas e transformadas através da nossa participação.

Não faz muito tempo, eu estava lendo uma narrativa que destacava o fato de que uma determinada quantia em dinheiro pode valer muito ou pouco, dependendo de onde e com que objetivo será empregada. Comecei a refletir e cheguei à conclusão de que isso se aplica a quase tudo em nossa vida, especialmente no que se refere ao tempo. Foi então que resolvi parodiar livremente o texto que li:

Não é estranho como o tempo às vezes demora tanto a passar e às vezes foge de nossas mãos, sem ao menos percebermos que ele se foi? Parece que foi ontem que me casei, e já se foram mais de sete anos.

Não parece estranho como às vezes os ponteiros do relógio insistem em não sair do lugar, quando estamos em uma fila de banco, e como esses mesmos ponteiros disparam, quando nos deitamos após o almoço para uma restauradora sesta?

Não é estranho como o tempo passa devagar quando estamos sentindo uma dor de dente, e como ele sai trotando quando finalmente conseguimos sair para jantar com a pessoa amada?

Não é estranho como não temos tempo para sair com nossos filhos, nos envolvermos com eles, mas o tempo não falta quando queremos assistir ao jogo de futebol em plena madrugada? Realmente, é estranho.

**Há muito a ser feito
e precisamos
oferecer nossos
dons e talentos
para o cumprimento
da missão**

Não parece estranho que nossa agenda esteja sempre apertada, sem deixar tempo para a família, e como há tempo de sobra para reuniões extraordinárias, convocadas pelos “chefes”?

Não é estranho como dedicamos tempo a tantas coisas e não reservamos tempo de qualidade para Deus, para envolvimento com Sua Igreja? Sim, precisamos dedicar o melhor do nosso tempo no envolvimento com a missão salvadora de Deus na Terra, tudo fazendo conforme as nossas forças. ■

NO PASSO DA JUVENTUDE



L. Albert Mathewson

Psiquiatra no Instituto de Saúde Mental Lakeshore, Tennessee, Estados Unidos

Em lugar de baixar o padrão na tentativa de entreter o jovem, devemos dar-lhe responsabilidades na igreja

Recentemente, assisti a um congresso cristão. Tendo trabalhado com jovens durante muito tempo, eu estava interessado no que fora planejado para eles, de modo que lá estava em companhia do meu filho de 15 anos. Assisti a uma apresentação multimídia que foi uma boa entrevista com o presidente da Associação. Ele respondeu a questões sobre coisas relacionadas aos adolescentes, e o fez com admirável sinceridade. O que se seguiu me surpreendeu totalmente. Muitos rapazes lideravam o cântico, tocando guitarras elétricas, um teclado e bateria. No fim da segunda música, alguns jovens dançavam nos corredores e eu emudeci.

Sempre tive a fama de ser um adventista progressista. Em anos passados, eu estaria de guitarra em punho onde aqueles rapazes estavam agora. De modo que me surpreendi quando a seguinte observação estalou na minha mente: “As coisas que descrevestes como ocorrendo em Indiana, o Senhor revelou-me que haviam de ocorrer imediatamente antes da terminação da graça. Demonstrar-se-á tudo quanto é estranho. Haverá gritos com tambores, música e dança. Os sentidos dos seres racionais ficarão tão confundidos que não se poderá confiar neles quanto a decisões retas. E isto será chamado operação do Espírito Santo.” – *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 36.

No rastro dessas palavras, vieram outras: “Não julgueis para que não sejais julgados” (Mat. 7:1). Resolvi aproveitar o evento da melhor forma possível, imaginando que a Associação convidara aquele grupo em uma tentativa de alcançar os jovens. Por anos, tenho trabalhado com pessoas honestas, preocupadas com o fato de que, com a televisão, Internet, os filmes e *videogames*, os jovens já não se contentem com a simplicidade das reuniões religiosas. Mas agora temo que nossas tentativas de equiparar-nos à cultura moderna possam levar-nos a gerar cristãos nominais.

ESTÁGIOS DE CRESCIMENTO

Antes dos cinco ou seis anos, as crianças têm ansiedade para saber que Jesus as ama. E elas O amam também. Mas, sempre acontece algo: as mesmas pessoas que quando eram crianças gostavam de ir à frente e ouvir a história infantil, estão agora na última fileira da galeria, com as mangas das camisas arregaçadas, gravata frouxa e o pensamento longe do culto.

Muitos adolescentes estão inseguros quanto a seus sentimentos em relação a Deus. E querem ter certeza de que podem ser amados por Ele. Penso que o segredo para ganhar e conservar os jovens é traduzir a segurança de sua posição diante de Deus em linguagem que eles entendam. Meu problema com o programa anteriormente mencionado não era a bateria nem o ritmo da música. Aliás, uma leitura cuidadosa da declaração de Ellen White mostra que ela não se prendeu a detalhes. Sua preocupação era a totalidade do que estava acontecendo em nome de Deus, e que estava confundindo a percepção racional.

Quando penso nisso, concluo que, em nossos esforços para levar pessoas a Cristo, devemos ser cuidadosos para não introduzirmos qualquer coisa que confunda ou embote os sentidos de tais pessoas. Também não podemos nos permitir ignorar o componente racional do indivíduo. Devemos apelar a essa parte da consciência humana, de tal modo que ajudemos as pessoas a compreender que estar em Cristo envolve uma escolha consciente.

Necessitamos integrar aos nossos métodos evangelísticos aquilo que os especialistas ensinam sobre o desenvolvimento cognitivo infantil. Jean Piaget identificou quatro estágios desse desenvolvimento: o período sensorial-motor (do nascimento aos dois anos); pensamento pré-operacional (dois a seis ou sete anos); operações concretas (seis/sete a onze/doze); e operações formais (onze/doze à vida adulta). Gostaria de me deter nos dois últimos.

CEDO DEMAIS

Muitas igrejas tentam alcançar as crianças enquanto elas ainda estão na fase das operações concretas. Alguns argumentam que, se não as batizarmos logo, provavelmente elas se perderão. Mas, nesse estágio, embora a criança possa compreender e repetir uma doutrina religiosa, ainda não pode administrar problemas abstratos ou considerar todos os resultados logicamente possíveis. Em outras palavras, estamos tentando alcançar essas crianças antes que sejam plenamente “seres racionais.”

Então, não poderemos esperar nem exigir delas além do que podem dar. O batismo não as amadurece; elas continuam sendo crianças. Até que alcance o estágio da operação formal, a criança não é capaz de pensar de forma lógica e abstrata. Nesse ponto, ela também pode raciocinar teoricamente. E isso suscita uma questão desconfortável: Desejamos batizar nossas crianças em uma condição que pode originar inseguranças, de modo que a fé não resista ao escrutínio lógico da juventude? Certamente, não. De todas as denominações cristãs, a nossa é vista como a única na qual todas as doutrinas cabem em uma totalidade lógica.

RECOMENDAÇÕES

O que fazer para que nosso esforço na direção de salvar nossos filhos não se torne um desserviço? Primeiramente, devemos abandonar a noção de que precisamos competir com o uso da tecnologia moderna e seus efeitos no entretenimento. Podemos, de fato, usá-la a nosso favor. Mas, pensar que temos de competir com o mercado da diversão, barateia o evangelho e transforma o pastor em artista. Não somos chamados a entreter, mas para alcançar a mente e o coração das pessoas, em parceria com Deus.

A linguagem que usamos pode nos trair. Pregamos da *plataforma* ou do *teatro*? Levantamo-nos diante de um *auditório* ou de uma *congregação*? Nossos diáconos são *porteiros* ou *diáconos*? A igreja, independentemente do que faça, nunca pode competir com a indústria do entretenimento. Este trabalha com emoções; o culto, com a mente e o coração.

A segunda coisa que devemos fazer, e bem, para alcançar nossos filhos, é ensiná-los, desde os onze ou 12 anos, como aplicar os princípios espirituais na sua vida. As doutrinas são importantes. O que cremos sobre o estado dos mortos, a segunda vinda e o sábado vai se tornar mais importante ao nos aproximarmos do fim. Mas as doutrinas, em e por si mesmas, por mais importantes que sejam, não são suficientes. A menos que levemos nossos jovens a refletir sobre o lugar de Deus na vida deles, simplesmente esquentarão os bancos da igreja, se tanto.

Devemos tomar os vários assuntos que nos desafiam e modelar uma forma efetiva de lidar com eles diante dos jovens, mostrando-lhes como aplicamos a Palavra de Deus em nossa vida. Eles aprenderão a fazer isso por si mesmos.

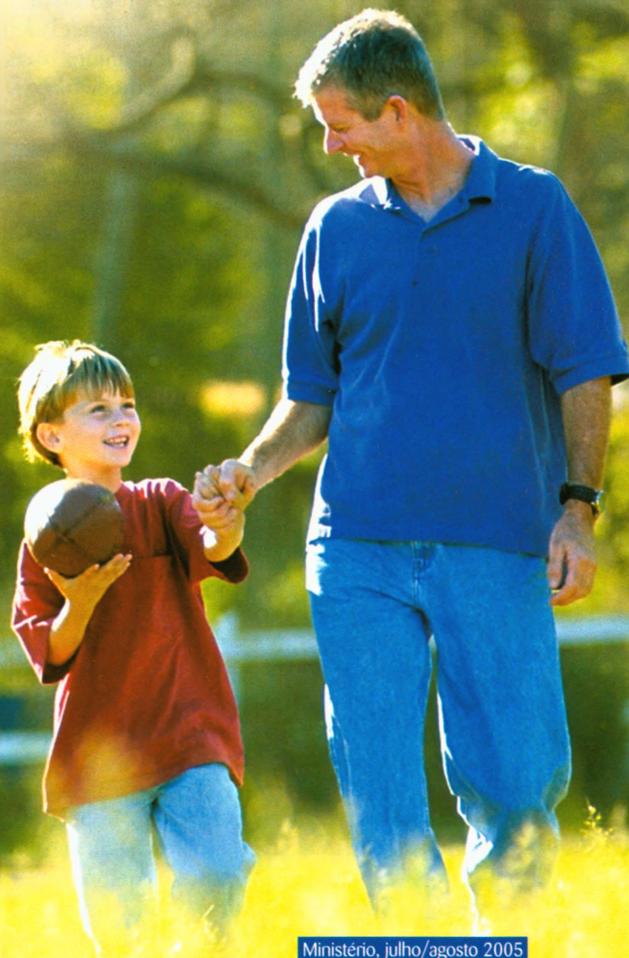
Outra coisa que devemos fazer é integrar os jovens na liderança e em ativo ministério. Não estou falando de colocar uma divisão infantil para cantar algum cântico no 13º sábado; nem de reservar um “sábado dos desbravadores” no qual um juvenil lê o sermão que o pai ajudou a preparar. Estou falando de darmos aos jovens responsabilidades genuinamente significativas. Eles devem saber que realmente estão contribuindo para a vida

da igreja e a vida das pessoas ao seu redor. Há uma infinidade de modos pelos quais juvenis e jovens podem ajudar. De modo que, ao invés de baixar o padrão na tentativa de entre tê-los, deveríamos lhes dar responsabilidades e ajudá-los em sua transição para a vida adulta.

Finalmente, devemos ouvir os jovens. Todo pastor deveria gastar tempo ouvindo as preocupações dos membros jovens da sua igreja. O pastor pode conhecer perfeitamente bem toda preocupação que um jovem pode ter; mas, sem engajar-se em um processo de ouvir, estará impedindo um mútuo relacionamento pleno. Embora não acreditemos que os pastores sejam substitutos de Deus, enganamo-nos se não compreendemos que, de muitas formas, ele representa a Igreja diante do jovem.

Durante toda a minha vida adulta, tenho testemunhado a luta da Igreja para alcançar o jovem. Embora sempre nos perguntemos como fazer isso, esquecemo-nos de que Deus usou adolescentes para ajudar a implantação do movimento que se tornou a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Primeiramente chamou uma garota de 17 anos para dar Sua mensagem e, a partir daí, muitos outros e durante muitos anos foram usados.

No século 19, muitos jovens regularmente assumiram responsabilidades na Igreja. Seguramente, temos boas lições a aprender e colocar em prática, hoje, do modo como aquelas pessoas inteligentes viam a Igreja. ■



FOGO ESTRANHO NA ADORAÇÃO



Paulo Cilas da Silva

D.Min., pastor na
Associação Paulista Sul

O ritmo
sensual das
modernas
danças
ocidentais
torna
impróprio
o seu uso
no culto

Em vista da moderna concepção ocidental sobre a dança, é difícil imaginar a adoração a Deus através dessa prática. Entretanto, por mais paradoxal que pareça, as Escrituras estão repletas de exemplos de pessoas que manifestaram o seu louvor com a dança. Dentre as 28 referências bíblicas a ela, duas se destacam: Primeira, a manifestação de adoração coletiva, liderada por Miriã, que logo após a travessia do Mar Vermelho “... tomou um tamborim, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins e com danças” (Êxo. 15:20). Segunda, a adoração individual do rei Davi que extravasou a sua alegria e gratidão ao Senhor, porque a arca do concerto fora levada de Obede-Edom a Jerusalém.

Quando a Bíblia afirma que “Davi dançava com todas as suas forças diante do Senhor; e estava cingido duma estola sacerdotal de linho” (II Sam. 6:14), tem como objetivo demonstrar a expressão de entusiasmo com que o rei adorava ao Senhor naquela ocasião.

Uma das maiores provas bíblicas de que a dança era um componente de adoração foi o apelo do salmista que, por duas vezes, convidou os fiéis a louvarem ao Senhor com dança (Sal. 149:3; 150:4). Embora algumas versões, como, por exemplo, a *Revista e Atualizada no Brasil*, 2ª edição, traduzam Salmo 149:3 como “louvem-Lhe o nome com flauta; cantem-Lhe Salmos com adufe e harpa”, a tradução correta desse texto é feita por várias outras versões, como a *Bíblia na Linguagem de Hoje*, a *Versão Revisada da Tradução de João Ferreira de Almeida*, a *Edição Contemporânea de Almeida*, publicada pela Editora Vida, entre outras. Nessas versões, ao invés da palavra “flauta” é usado o termo “dança”.

TESTEMUNHO GRAMATICAL

Na verdade, a substituição de “dança” por “flauta” provém de uma exegese tendenciosa, realizada por alguns que pretendem rebater o fato de que Davi recomendou a dança como um elemento de adoração. Entretanto, a compreensão correta da expressão hebraica *mahôl* e da sua correspondente grega *corós*¹ ratifica o fato bíblico de que “dança”, em muitas ocasiões, já foi usada como expressão de louvor a Deus.

A palavra *mahôl* é derivada do verbo *hûl*, que significa “voltar” ou “fazer movimentos circulares”. O sentido dessa raiz inclui as emoções e atitudes associadas ao movimento.² Dessa forma, o verdadeiro sentido de *mahôl* é dança; uma dança que significa alegria em contraste com o luto (Sal. 30:11; Lam. 5:15), e as alegrias que virão com as bênçãos futuras de Deus (Jer. 31:4, 13). Portanto, quando o salmista se refere a essa palavra, nos Salmos 149:3 e 15:4, ele tem em mente a dança como uma forma aceitável de louvor a Deus.

Outra palavra derivada do verbo *hûl*, extensamente usada nas Escrituras, também significando dança, é *mehôla*, que em nada difere semanticamente de *mahôl*. Ela expressa o júbilo e a celebração por uma vitória militar (Êxo. 15:20; Juí. 11:34; I Sam. 18:6). Também refere-se a uma dança puramente religiosa (Êxo. 32:19; Juí. 21:21).

A prova atualmente disponível não permite uma interpretação do que seria a “dança de Maanaim”, mencionada em Cantares 6:13; 7:1.

RELIGIOSO VERSUS PROFANO

Com base na inegável referência bíblica à dança como uma das formas de adoração, algumas pessoas argumentam que as danças modernas, como as praticadas no mundo ocidental, têm base bíblica e, portanto, não deveriam ser proibidas na igreja. Para responder a esse dilema, necessitamos analisar a diferença entre a dança religiosa (ou litúrgica) e a dança profana, ambas mencionadas nas Escrituras. Uma análise atenta das referências escriturísticas à dança revela que as danças israelitas consideradas apropriadas eram de natureza litúrgica, sendo acompanhadas por hinos de louvor a Deus. Elas eram geralmente praticadas entre grupos de pessoas do mesmo sexo e sem quaisquer conotações sensuais.³

As danças aceitáveis eram uma “celebração social de acontecimentos especiais, tais como uma vitória militar, um festival religioso ou uma reunião de família. Eram processionais, envolventes ou extasiadas, e praticadas principalmente por mulheres e crianças, que dançavam separadamente”.⁴ Falando sobre a diferença entre a dança religiosa e a profana, o *Seventh-day Adventist Bible Dictionary* afirma que “a dança na Bíblia está sempre ligada com regozijo. A natureza desse regozijo pode ser religiosa, festiva, ou meramente uma expressão de alegria, que não tem nenhuma semelhança com as danças da moderna civilização ocidental. De acordo com as

Escrituras, a dança era geralmente praticada por

mulheres, mas em raras ocasiões os homens também participavam. Entretanto, mesmo nessas ocasiões, não há nenhuma evidência de contato físico entre ambos os sexos”.⁵

A Bíblia fala de pelo menos duas ocasiões em que pessoas estavam envolvidas em danças inadequadas: por ocasião da dança idolátrica dos israelitas no contexto da adoração do bezerro de ouro (Êxo. 32:19), e quando a filha de Herodias dançou para agradar o rei Herodes e seus convidados, no banquete em que João Batista teve sua execução solicitada (Mat. 14:6; 6:22). Embora os judeus dos dias de Cristo continuassem praticando a dança (Luc. 15:25), não há evidência no Novo Testamento de que a igreja cristã primitiva perpetuasse tal costume. Alguns sugerem que esse rompimento cristão com a dança deve-se à degeneração dessa prática já no tempo de Cristo.⁶

PERIGO SENSUAL

Em contraste com as danças litúrgicas do período bíblico, as danças modernas ocidentais são praticadas sob o ritmo sensual de músicas profanas, alheias à recomendação do apóstolo Paulo aos filipenses: “Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento” (Filip. 4:8).

Portanto, é fácil concluir que as danças de hoje em nada se assemelham às danças litúrgicas mencionadas pela Palavra de Deus, mas sim às danças profanas e sensuais praticadas pelos filhos de Israel em sua adoração ao bezerro de ouro, e pela filha de Herodias diante de Hero-

des. Em uma leitura descontextualizada da Palavra de Deus, os que defendem a liberalização das danças modernas nas igrejas argumentam que elas se constituem uma recreação social inocente, uma simples manifestação de alegria. Para esses, aqueles irmãos que rejeitam as danças modernas possuem mentalidade fanática e maliciosa.

Em contraposição a esse ponto de vista, é preciso reconhecer que as atuais danças ocidentais são um dos maiores estímulos ao sensualismo. Mesmo não se envolvendo diretamente em relações sexuais explícitas, seus participantes geralmente se entregam ao sensualismo mental (Mat. 15:19 e 20), claramente desaprovado por Jesus: “Ouvistes o que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela” (Mat. 5:27 e 28).⁷

Outra questão relacionada à dança refere-se à existência de algumas pessoas que reconhecem a dissociação entre as danças bíblicas e as modernas e, dizendo-se cientes dos perigos destas, não vêem nenhum problema nas danças particulares entre pessoas casadas. “Embora tais práticas pareçam inocentes à primeira vista, elas representam o primeiro passo rumo a estilos mais avançados de dança, integrando eventualmente o casal a grupos dançantes.”⁸

O cristão deve reconhecer que a prática da adoração através da dança deixou de existir há muito tempo, e um dos princípios mais elementares de interpretação bíblica é que as Escrituras sejam interpretadas de acordo com o tempo e o lugar. Além disso, hoje há muitas outras formas de adoração, bem como de integração e recreação mais condizentes com os princípios bíblicos de conduta, do que a excitação e o sensualismo promovidos pelas modernas danças ocidentais. ◊

Referências:

- ¹ *The Analytical Greek Lexicon* (Harper & Brothers Publishers, s.d.), pág. 437.
- ² R. Laird Harris, Gleason L. Archer Jr. e Bruce K. Waltke, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1998), págs. 437-440.
- ³ Alberto R. Timm, “A dança na Bíblia”, *Sinais dos Tempos*, novembro de 1997.
- ⁴ Samuel Bacchiocchi, “A dança na Bíblia”, *Diálogo Universitário*, vol. 12, n.º 3, pág. 25.
- ⁵ Siegfried H. Horn, rev., *Seventh-day Adventist Bible Dictionary* (Washington, DC: Review and Herald, 1979), págs. 262 e 263.
- ⁶ Alberto R. Timm, *Op. Cit.*
- ⁷ *Ibidem*.
- ⁸ *Ibidem*.



“E ASSIM SE FEZ”



Cindy Tutsch

Diretora associada do Patrimônio White, na Associação Geral da IASD



Leonard Brand

Professor de Biologia e Paleontologia na Universidade Loma Linda, Estados Unidos

“Os céus por Sua palavra se fizeram, e pelo sopro de Sua boca o exército deles”
(Sal. 33:6)

Uma interpretação literal do primeiro capítulo de Gênesis afirma que um Deus pessoal criou a Terra e a vida em seis dias consecutivos de 24 horas. Nesse relato, encontramos um Deus agindo de modo muito semelhante a um pai amoroso. É nessa moldura que o Senhor cria um ambiente de beleza e segurança para Seus filhos.

Para algumas pessoas, o relato de Gênesis é simbólico, ou mitológico, e os seres humanos evoluíram durante longos períodos, ou eras, através de um processo gradual que pode ter começado com uma célula viva que aparentemente se alojou em um local e, a partir daí, desenvolveu-se durante milhões de anos, até se tornar o sofisticado e complexo sistema humano que hoje conhecemos.

Um indivíduo que tem vivenciado uma experiência com Deus como um Ser amoroso pode achar muito difícil conciliar esse Deus com um processo impessoal, desenvolvido ao acaso, que acaba em trevas e morte para todos. Uma premissa básica para o evolucionismo teísta – defensor do conceito segundo o qual Deus usou a evolução para criar vida – é que Ele foi dependente da morte como parte do processo evolucionário. Nesse caso, Deus, não Satanás, é a fonte de morte. Mas, por que deveria um Deus de amor escolher milênios de brutais e cruéis sofrimento, trauma e morte, como meios de criação?

CIÊNCIA E INTERPRETAÇÃO

As Escrituras são claras a respeito da criação e da morte; mas qual é a opinião da ciência? Tanto a criação como a evolução podem ser apoiadas por consideráveis dados complexos. A diferença básica entre os dois paradigmas é como os dados são interpretados. Vejamos alguns exemplos:

O relatório fóssil. Os fósseis usualmente são encontrados em uma acomodação de camadas de rochas, uma camada sobre a outra. A acomodação é algo parecido com um livro histórico, com as páginas mais velhas no fundo. O fóssil acontece em uma ordem específica nessa seqüência de rochas. As camadas mais baixas são, na maioria das vezes, invertebrados marinhos. Mamíferos e pássaros não aparecem até muito mais acima, na seqüência rochosa, e os seres humanos são encontrados somente nas rochas mais jovens; ou seja, aquelas que se encontram no topo. Em outras palavras, mariscos, lesmas e estrelas-do-mar foram fossilizados primeiro, e os seres humanos foram fossilizados somente no fim da seqüência.

Na interpretação evolucionista dos dados, as estrelas-do-mar aparecem no relatório fóssil antes dos seres humanos, porque elas evoluíram 500 milhões de anos antes deles. Diferentes animais foram sepultados e fossilizados enquanto elas evoluíam, e não houve seres humanos até que quase todos os outros grupos animais tivessem aparecido.

A visão criacionista, entretanto, observa os dados e diz que os seres humanos e outros grandes tipos de animais foram criados na mesma época das estrelas-do-mar. Porém,

quando o dilúvio teve início, as estrelas-do-mar e outros animais que viviam nos mares foram mortos e sepultados nas camadas mais baixas das rochas. Os seres humanos, por sua vez, viviam na terra, em diferentes áreas do planeta, e sobreviveram até perto do fim do dilúvio, quando então foram sepultados nas camadas mais altas das rochas.

A seqüência dos fósseis não registra uma seqüência de evolução; na verdade, mostra quando diferentes grupos de animais morreram e foram sepultados no catastrófico dilúvio global. Pelo fato de não termos respostas para todas as perguntas e, conseqüentemente, não poderemos fornecer uma explicação absolutamente completa, criacionistas e evolucionistas encontram alguma dificuldade para explicar todos os detalhes da questão.

Problemas dos evolucionistas. A maioria dos grupos de animais ou plantas não está reunida no registro fóssil pelas séries evolutivas intermediárias, como era de se esperar, segundo esse paradigma.

Problemas dos criacionistas. Uns poucos grupos de fósseis tendem a parecer bons evolutivos intermediários. Também é difícil explicar como os diferentes grupos de animais acabaram sendo arranjados em uma seqüência tão detalhada nas rochas. Por que as águas do dilúvio carregaram uns poucos ratos para a orla marítima e os sepultaram com as estrelas-do-mar?

Dados radiométricos.
No processo de acomodação

das camadas de rochas, certos materiais radioativos são mais abundantes nas rochas mais velhas, as inferiores, e menos abundantes nas camadas superiores. Nestas, esse material tem-se transformado, ou reduzido, através do tempo, em uma forma que não é radioativa. Essa mudança radioativa leva um longo período – milhares de anos para o carbono 14, e milhões para outros elementos.

De acordo com a interpretação evolucionista dos dados, os materiais radioativos indicam que as rochas mais velhas têm centenas de milhões de anos. Conseqüentemente, as formas de vida fossilizadas naquelas rochas também possuem essa idade.

Para a interpretação criacionista, entretanto, a vida na Terra existe há apenas milhares de anos. Isso significa que a mudança radioativa ocorreu a uma velocidade muito maior do que pensam os cientistas.

Problemas para os evolucionistas. Algumas evidências nas rochas parecem requerer um período muito mais curto para a formação do nosso mundo. Por exemplo, em muitos casos de dados radiométricos para as rochas, como tal método de datação é compreendido, seria necessário que a superfície terrestre tivesse ficado exposta por milhões de anos, com pouca ou nenhuma erosão do solo e das rochas. Isso não acontece na natureza hoje. O que normalmente ocorre é que, com o passar do tempo, rios e cursos d'água provocam erosão no solo, formando montes, vales e cânions. Isso parece indicar que o método radiométrico de datação está errado.

Problemas criacionistas. Os processos físicos da radioatividade têm sido analisados extensivamente, e ainda não sabemos o que poderia fazer com que os “relógios” radiométricos fossem tão errados como requer o paradigma criacionista. Seguramente, um criacionista pode sugerir que esses fatores desconhecidos, ainda por serem descobertos, responderão às questões radiométricas pendentes.

LEIS NATURAIS E DESÍGNIO

Muitos cientistas aceitam o paradigma do naturalismo, que nega qualquer ação sobrenatural na História. O naturalismo é um paradigma controlador na ciência moderna. Todas as coisas são compreendidas como estando em funcionamento apenas pela lei natural. Nenhum tipo de milagre deveria, jamais, ser usado para explicar os dados observados. Entretanto, no caso de aceitarmos essa limitação, porventura haveria suficiente espaço para uma explicação adequada, completamente plausível?

Vamos tomar um exemplo: um automóvel funciona pela operação da lei natural. Não acreditamos que haja espíritos sobrenaturais dentro do motor, impulsionando os pistons. Mas seria essa uma boa razão para negar a possibilidade de que seres inteligentes estiveram envolvidos na origem do carro?

Agora, pensemos na célula humana. Proteínas são como tijolos necessários à construção de toda célula do organismo. Elas são longas cadeias de pequenas moléculas chamadas aminoácidos. Um aminoácido é uma combinação particular de carbono, oxigênio, hidrogênio e nitrogênio. Se misturarmos esses elementos sob as condições certas, as leis da química produzirão neles uma combinação que resultará em aminoácido. Quer isso dizer que a vida poderia facilmente começar por esse processo?

Para responder, devemos também considerar o conceito de “informação”, que é uma forma de expressar idéias. Por exemplo, as palavras escritas por um poeta constituem-se informação. Ou poderíamos descrever informação como sendo instruções técnicas, precisas, sobre como fabricar um automóvel. Existe alguma lei natural capaz de produzir informação em um livro de poesia ou em um manual de instruções de automóvel?



Existe algum meio pelo qual uma máquina possa usar as leis da natureza a fim de produzir informação original, significativa, em um livro? Não. A informação é produto da inteligência. Nenhuma lei indica se B deveria vir antes de M, ou S depois de L. A ordem das letras e palavras em um livro resulta apenas do pensamento inteligente.

O papel em um livro é reunido por uma aplicação particular das leis químicas; mas as palavras e as sentenças – a informação – contidas nesse livro não resultam de leis naturais. A informação é resultante de pensamento e iniciativa inteligentes. Por que isso é importante? Porque a vida está baseada em informação particular.

Aproximadamente 20 diferentes aminoácidos reunidos, como elos de uma cadeia, formam uma proteína. Se fazemos uma proteína a partir de uma série de aminoácidos, as letras que a representam poderiam parecer isto: ADGOCITBLERACKBNSK – e essa é uma das identificações mais fáceis. A tarefa específica do aminoácido em uma proteína é determinada pela seqüência de aminoácidos, tal como a seqüência das letras determina o significado de uma sentença. Compare a informação contida nestas duas seqüências de letras: 1) RFOBROIBPO-DEMOF; 2) DEUS AMA VOCÊ. A diferença de significado é simplesmente tremenda, não é verdade?

Assim, a função de uma proteína também é determinada por sua seqüência de aminoácidos. Mas nenhuma lei da natureza contém a informação sobre que seqüência de aminoácidos deveria existir em qualquer proteína. A seqüência de aminoácidos é informação e não está determinada por lei natural. Sabe a célula viva como fabricar a proteína correta? Em seu DNA, a célula contém instruções que falam exatamente que seqüência de aminoácidos fará a proteína correta. Onde o DNA conseguiu essa informação? Nenhuma lei natural dita a informação para o DNA ou a proteína – ela tem de ser inventada. A diferença entre processos governados pela lei natural e a informação constitui-se uma chave para entendermos o que é a vida.

Nosso corpo é feito de inumeráveis “máquinas”, como o coração e milhares de outros mecanismos microscópicos moleculares em cada célula. A operação de cada um desses mecanismos é governada por leis naturais in-

compreensíveis. Mas as instruções que permitem ao corpo fazer todas essas pequenas “máquinas” são informações que não são geradas por leis naturais.

A vida só pode existir por causa da informação que controla a manufatura de milhões de partes de alguma coisa viva. Quando estudamos a fabricação e o funcionamento de um automóvel, compreendemos que as instruções para a formação de todas as suas partes são resultado do esforço inteligente de um inventor. Ora, uma informação muito mais complexa do que essa é responsável pela formação de um ser vivo. Não seria isso indicador de que a origem desse ser dependeu de um Inventor inteligente?

ORIGEM DAS PRINCIPAIS FORMAS DE VIDA

Tendo em mente a possibilidade de que a vida foi criada, alguém pode perguntar-se: como surgiram as diferentes formas de vida? Depois de Deus haver criado os primeiros microorganismos vivos, com toda a informação para produzir mais coisas vivas, é possível que o processo evolucionário e seleção natural mude-os gradualmente para diferentes tipos de vida?

As coisas vivas mudam. Mesmo um criacionista deve reconhecer que têm ocorrido transformações dentro dos grupos que foram criados. A ciência também chama esse tipo de mudança de evolução (microevolução). Mas a evolução também tenta explicar quão completamente novos tipos de animais ou plantas podem surgir. O que implicaria a evolução de um invertebrado para mamíferos de sangue-quente que têm existência curta? Certamente, isso requereria o desenvolvimento de nova informação para o DNA, instruções para a formação de um esqueleto, pulmões, cérebro e outros novos órgãos que não existiam antes. Seria necessária a adição de muitos novos capítulos de informação precisa para o “manual de instruções” de formação da vida.

Se não houve ação inteligente na designação de coisas vivas, todos esses volumes contendo novas informações teriam de surgir gradualmente, através de mudanças resultantes de transformações casuais no DNA, chamadas mutações, e através da seleção natural. Podemos nós provar que isso é impossível de acontecer? Não. Ninguém pode provar o que pode ter acontecido há muito tempo. Podemos apenas ex-

plorar as possibilidades. A evolução de nova informação começa com mutações que transformam nucleotídeos em DNA, que pode modificar um aminoácido em uma proteína (“mudando as letras” em nossa simples proteína).

No modelo evolucionista, essas mudanças aconteceriam ao acaso – o processo de mutação não conhece o que é necessário ao animal. O naturalismo assume que as mutações ao acaso e a seleção natural produzirão tudo o que será necessário a ele. Será isso real? Será que esse processo desenvolverá novos e complexos órgãos, que não existiam antes, ou poderiam as mudanças casuais finalmente se mostrarem destrutivas?

Se alguns caribus (espécie de rena canadense) no Alaska são muito vagarosos para escapar de um lobo, a seleção natural os eliminará bem como a sua descendência. Alguns cientistas crêem que a seleção natural pode eliminar somente esses seres mais frágeis, mas será incapaz de produzir qualquer novo órgão ou tipo de vida animal. Na verdade, a ciência ainda não demonstrou a existência de um processo genético capaz de desenvolver qualquer novo tipo básico de vida.

O LUGAR DA FÉ

Embora abundantes evidências favoráveis à criação sejam apoiadas por estudos científicos, tanto para os criacionistas como para os evolucionistas, muitas questões permanecem sem respostas. O que deveríamos fazer se não temos respostas para todas as perguntas? A solução para esse impasse depende da nossa experiência pessoal com Deus. Indubitavelmente, Ele deseja que o crente pense, analise, pesquise, busque e procure fazer descobertas. Mas o ponto básico é: Confiamos nEle e em Sua Palavra? Cremos que Ele sabe muito mais do que nós sobre história antiga, desde que já existia antes de o mundo ser formado? “Onde estavas tu, quando Eu lançava os fundamentos da Terra?” (Jó 38:4).

No relato da criação, aparece repetida sete vezes a expressão: “E assim se fez.” E podemos juntá-la à declaração de Cristo, quando anunciou Seu retorno à Terra: “Se assim não fora, Eu vo-lo teria dito” (João 14:2). Se as origens da Terra e da humanidade fossem diferentes do que nos mostra o relato bíblico, certamente Cristo nos teria dito. ☐

POPULARIDADE

PRIVILÉGIO OU ARMADILHA?



Vincent Tigno Jr.

Ph.D., pastor jubilado,
reside em Yucaipa,
Califórnia,
Estados Unidos

**Todo pastor
deve suplicar
a Deus porção
dobrada
de sabedoria
para lidar
com a fama**

Há duas formas de alguém se tornar popular. Uma é fazer ou permitir que se faça propaganda de si mesmo. A outra é ser produtivo. O ministério é um trabalho de alta exposição, assim como outras atividades que lidam com o público. Mas o sentimento do público, não raro, é imprevisível. A coroação de hoje pode se tornar a crucificação amanhã. O louvor a um líder pode facilmente se transformar em clamor por sua cabeça. Muitos seguidores de Cristo finalmente O abandonaram (João 6:66).

Paulo sabia o que era ser amado num dia e detestado no outro. Houve lugares onde as pessoas choraram à sua partida, e lugares onde elas o exaltaram para depois o apedrejarem. Em uma noite, ele teve de escapar escondido num cesto, fugindo de opositores que queriam matá-lo. Na igreja de Corinto, os membros estavam divididos em facções, na sua preferência por um pastor: uns queriam Paulo; outros, Apolo. Havia também os que optavam por Cristo (I Cor. 1:10-12).

Mas, em princípio, ninguém pode agradar a todo mundo; e a situação às vezes se torna como alguém já descreveu: “Se o pastor visita sempre o rebanho, está querendo tirar alguma vantagem. Se não visita, é preguiçoso. Se prega mais de 20 minutos, fala demais. Se prega menos, não tem o que dizer. Se tem um bom carro, é mundano e materialista; se o carro é simples, não tem bom gosto nem classe. Se conta anedotas, é frívolo e irreverente. Se não o faz, é antipático. Se é pontual, tem obsessão pelo tempo; se atrasa um pouco, é desorganizado. Se é jovem, não tem experiência. Se é velho, já deveria estar aposentado.”

O pastor frequentemente se encontra numa encruzilhada: O que é melhor: ser aceitável ou acessível? A melhor saída é escolher o certo acima do conveniente. É aqui que o pastor deveria suplicar a Deus uma porção dobrada de paciência e sabedoria. As palavras de Paulo cabem perfeitamente neste ponto. Diz ele: “Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito. Não nos deixemos possuir de vanglória... (Gál. 5:25 e 26).

A palavra “vanglória” é sinônimo de “ vaidade”, “falsa honra” e “orgulho vazio”. Buscar popularidade com o objetivo de ser louvado é um comportamento vão, falso e vazio.

Um perigo para quem busca popularidade é a tendência de se tornar uma pessoa agradável. Nessa corrida, as pessoas que desejam agradar todo mundo geralmente são pressionadas a sacrificar princípios.

Os pastores que são fiéis a Deus e ao seu chamado devem enfrentar a verdade sobre si mesmos e outras pessoas. Desejam eles ser famosos, ou frutíferos, isto é, cheios de frutos do Espírito, de boas obras e frutos em forma de pessoas salvas? Ser produtivo nem sempre significa ser popular. Popularidade e publicidade não são necessariamente erradas em si mesmas; pois genuínas boas obras e desempenho excelente não podem ficar escondidos. Mas elas deveriam ser merecidas, não arrançadas ou manipuladas.

Sejamos gratos, se um dia nos encontrarmos sob as luzes da ribalta. Mas estejamos seguros de que o seu brilho vem do Sol da Justiça; dAquele que é a Luz do mundo. Quando andarmos nessa luz, cumpriremos fielmente nosso dever pastoral, sem fanfarras deliberadamente organizada. Os frutos do trabalho já são o nosso prêmio. ❖

A ORDENAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO



Nancy Vyhmeister

Ph.D., professora
emérita de Teologia na
Universidade Andrews,
Estados Unidos

**Separados
pela imposição
das mãos,
apóstolos e
anciãos eram
comissionados
a ser melhores
servos**

O pastor e os anciãos estavam ajoelhados formando um círculo ao redor de George que, oficialmente, estava se tornando um diácono. O pastor fez a oração por ele, sua família e seu ministério naquela igreja. Quando foi mencionada a imposição de mãos, cada oficiante estendeu a mão e tocou George. Teria sido essa a forma de ordenação que se realizava nos dias de Pedro e Paulo? Terminada a cerimônia, ao chegar em casa, voltei à minha Bíblia naquela tarde a fim de estudar o assunto.

Desafortunadamente, o Novo Testamento dá poucas informações específicas sobre cerimoniais como o que presenciei na manhã daquele sábado. Doze passagens falam sobre algum tipo de ordenação ou comissionamento, mas nenhuma delas usa a palavra “ordenação”. Para compreender esse tema, vamos revisar, brevemente, a terminologia bíblica para comissionamento, seguindo-se uma análise dessas doze passagens.

TERMINOLOGIA

A palavra “ordenação” é derivada do termo latino *ordinare*, ou seja, “colocar em *ordo*”, significando “série, fila, ou ordem”. Na Roma antiga, *ordo* referia-se a uma categoria de pessoas, como a “ordem dos senadores”, distinguindo-os da plebe.

No latim eclesiástico, *ordo* se refere às “ordens santas”; e ordenar diz respeito à cerimônia de indução nas ordens santas. De acordo com a lei do cânon, o “sacramento das ordens santas” constitui alguns cristãos fiéis como “ministros sagrados através do indelével caráter com que eles são marcados”.¹ Embora o significado do verbo “ordenar” seja “pôr em ordem”, “arranjar”, “dispor”, “determinar”, “mandar que se faça”, eclesiasticamente ele significa “investir com autoridade ministerial ou sacerdotal”. Esse significado não é encontrado no Novo Testamento.

A terminologia bíblica para indução em um ofício, especialmente no Antigo Testamento, inclui “unção” e “imposição das mãos”. Para comissionamento e indução em um ofício, o Novo Testamento usa palavras adicionais, nenhuma das quais, porém, associada com “ordenação” no sentido eclesiástico.

UNÇÃO

No Antigo Testamento, coisas, pessoas e lugares eram ungidos a fim de serem santificados, no sentido de separação para propósitos sagrados. Por exemplo, Jacó ungiu uma pedra como um memorial em Betel (Gên. 28:18) e os levitas ungiram o tabernáculo e seu conteúdo (Êxo. 40:9), consagrando-os.

No início de seu ministério sacerdotal, Arão e seus descendentes foram ungidos com óleo perfumado (Êxo. 30:30-32). Embora não haja menção específica da ordenação de cada um dos reis de Israel e Judá, existem evidências de que a unção de um rei no início do seu reinado era habitual. Isso era feito por um sacerdote, como no caso em que Joiada ungiu Joás (II Crôn. 23:11) ou por um profeta, como Elias que

ungiu Jeú (I Reis 19:16). O verbo usado nessa passagem é *mashach*, cujo significado é “untar”, “ungir com óleo”. O rei, dessa forma, tornava-se um *maschiach*, ou seja, um ungido. Esse termo hebraico é equivalente a “Messias”.

No Novo Testamento, dois diferentes verbos gregos são usados para transmitir o significado de “unção”. Um deles é *aleipho*, que aparece oito vezes. Em quatro, ele se refere à unção (com perfume) de Jesus por uma mulher (Luc. 7:38, 46; João 11:2; 12:3). Duas vezes refere-se ao uso de óleo em cura de doenças (Mar. 6:13; Tia. 5:14); uma vez, ao sepultamento de Cristo (Mar. 16:1), e uma, à unção cosmética (Mat. 6:17). Nenhum desses exemplos tem qualquer ligação com a unção cerimonial para indução em um ofício.

O segundo verbo é *chrio*, isto é, “ungir”, do qual é derivado o título Cristo, “O ungido”, correspondente ao hebraico *mashiach*. O mesmo verbo é usado apenas cinco vezes, sempre em referência à unção efetuada por Deus. Em quatro casos, Deus unge Jesus (Luc. 4:18; Atos 4:27; 10:38; Heb. 1:9). Em outra ocorrência, Deus confere unção espiritual aos crentes (II Cor. 1:21). Outro verbo relacionado, *egchrio*, aparece no convite a Laodiceia para ungir seus olhos, recobrando a visão (Apoc. 3:18).

IMPOSIÇÃO DE MÃOS

O ato de impor as mãos sobre alguém pode referir-se à concessão de uma bênção (Gên. 48:8-20). Também aparece em dois exemplos de indução em ofício, no Antigo Testamento. No início do seu ministério, os levitas eram purificados lavando-se e barbeando-se; então recebiam a imposição das mãos por toda a congregação. Essa cerimônia de indução era completada quando eles impunham as mãos sobre os novilhos que seriam sacrificados (Núm. 8:2-26). De acordo com Números 27:12-23, Moisés ungiu Josué como seu sucessor impondo as mãos sobre ele. Embora Josué tivesse autoridade e fosse dotado com o Espírito de Deus, ele foi receber instrução divina através do sacerdote Eleazar.

A frase grega equivalente à “imposição das mãos” ocorre 26 vezes no Novo Testamento. Na maior parte das vezes (12), ela é usada no contexto de imposição de mãos para levar à cura. Dessas ocorrências, oito estão relacionadas com Jesus: Ele pôs as mãos sobre

uma pessoa que, então, recebeu a cura (Mat. 9:18; Mar. 5:23; 6:5; 7:32; 8:23; 8:25; Luc. 4:40; 13:13). Uma vez foi prometido aos discípulos o dom de curar através da imposição de mãos (Mar. 16:18). Em Atos, três versos falam sobre cura produzida junto com a imposição das mãos (Atos 9:12, 17; 28:8).

Intimamente relacionada à idéia de cura está a recepção de bênção através da imposição de mãos (Mat. 19:13, 15; Mar. 10:16). A recepção do Espírito está ligada à imposição de mãos, em quatro referências. Em Atos, os novos convertidos ficavam cheios do Espírito quando os apóstolos impunham as mãos sobre eles (Atos 8:17-19; 19:6). Paulo fala de dons espirituais recebidos por Timóteo com a imposição de suas mãos (II Tim. 1:6) e as mãos dos anciãos (I Tim. 4:14). Em Hebreus 6:1 e 2, a “imposição das mãos” é um dos “princípios elementares” do cristianismo, junto com o batismo e a ressurreição, sugerindo que essa cerimônia pode ter sido parte da iniciação de novos crentes.

A imposição de mãos é mencionada três vezes em relação à indicação

para um ofício. Os apóstolos comissionaram os sete diáconos, através da imposição de mãos (Atos 6:6). Os mestres e profetas da igreja de Antioquia impuseram as mãos sobre Paulo e Barnabé, comissionando-os ao ministério entre os gentios (Atos 13:3). Através da imposição das mãos, Paulo instruiu Timóteo a ser cuidadoso na designação de anciãos para a igreja local (I Tim. 5:22).

No Novo Testamento, indução a um ofício, ou comissionamento para determinada missão, envolve quatro grupos distintos de pessoas: 1) Os discípulos que se tornam apóstolos; 2) os sete de Atos 6; 3) Paulo e Barnabé; e 4) anciãos da igreja local. Alguns verbos gregos diferentes são usados em passagens que descrevem essas cerimônias. Na seqüência desta análise, são dadas palavras gregas para cada exemplo.

DISCÍPULOS A APÓSTOLOS

Há três passagens que se referem à designação dos doze discípulos feita por Jesus. Em Mat. 10:1-5, Jesus chama (*kaleo*) os doze a Si e lhes outorga po-



der sobre doenças e espíritos maus. Embora no verso 1 eles apareçam como “discípulos”, no verso 2, são “apóstolos”. Em Mar. 3:14-19, Jesus “designou [poieo] doze” e fez deles apóstolos, de modo que pudessem estar com Ele e fossem enviados a pregar. Lucas fala do chamado de Cristo, ou escolha (*kaleo*) de doze discípulos, após uma noite ocupada em oração. Assim, os tornou apóstolos (Luc. 6:13-16).²

Jesus também “designou outros setenta” para o ministério. De acordo com Lucas 10:1-9, Ele os “designou” (*anadeiknumi*), deu-lhes poder e os enviou diante dEle para pregar e curar. Essa designação é semelhante à dos doze. Depois da ascensão de Jesus, os onze discípulos remanescentes decidiram escolher um substituto para Judas. Em oração, lançaram sorte e esta recaiu sobre Matias. Ele foi escolhido (*eklego*) e integrado ao grupo de discípulos (Atos 1:21-16). Dessa maneira, sua tarefa tornou-se a mesma que fora, originalmente, confiada aos doze por Jesus Cristo.

Embora não informem a realização de qualquer cerimônia específica, essas passagens mostram uma transição. Os discípulos tornando-se apóstolos, formando o círculo íntimo de seguidores de Cristo e recebendo poder para curar e pregar, cumprindo a missão que lhes fora confiada pelo Senhor.

OS SETE DIÁCONOS

Atos 6:2-6 fala-nos da sobrecarga de trabalho assumida pelos apóstolos e as disputas étnicas que induziram à escolha de sete homens sábios e cheios do Espírito, para “servir às mesas” e cuidar das viúvas. Então, os apóstolos estariam livres para dedicar tempo integral à oração e à pregação. Aqueles homens foram escolhidos (*eklegomai*) pela igreja, e a cerimônia de designação incluiu oração e imposição das mãos. Embora sua primeira tarefa fosse “servir às mesas”, dois deles são notados em acontecimentos posteriores, diferentes do cuidado das necessidades materiais e físicas dos membros da igreja. Estevão foi um grande pregador, martirizado em nome do Senhor (Atos 7), e Filipe foi evangelista (Atos 8:5-40).

A cerimônia realizada na ocasião dessa escolha se aproxima da que vemos hoje na Igreja Adventista do Sétimo Dia e em outras denominações cristãs. Ela assinalou o comis-

sionamento de sete homens para uma tarefa específica da Igreja. É interessante notar que, no registro de Atos, eles não são chamados “diáconos”. Já nas epístolas pastorais, os diáconos aparecem como líderes da igreja (I Tim. 3:8 e 12), alguém que a serve (*diakonos*), mas não é mencionada a ordenação.³

PAULO E BARNABÉ

Atos 13:1-3 narra a designação de Paulo e Barnabé para o ministério aos gentios. Enquanto os profetas e mestres na igreja de Antioquia se encontravam louvando a Deus e jejuando, o Espírito Santo falou-lhes para “separar” (*aphorizo*) Barnabé e Saulo para o trabalho ao qual eles foram chamados.

A ordenação não é atrelada à noção de hierarquia e poder

O verso 3 diz que eles jejuaram, oraram e impuseram as mãos sobre os escolhidos, mas não disseram especificamente “quem” eles eram. Esse comissionamento inclui mais elementos que qualquer outro relatório no Novo Testamento. Nele, o Espírito Santo desempenha parte ativa e líderes da igreja local fazem a indicação. Oração, jejum e imposição de mãos também estão incluídos.

Em seus últimos anos, Paulo escreveu a Timóteo sobre sua própria designação para servir. Ele afirmou ter sido “designado” (*tithemi*) pregador, apóstolo e mestre dos gentios, em testemunho de Jesus que Se deu em resgate por todos (I Tim. 2:7). A mesma afirmação é repetida em II Timóteo 1:11, insistindo em que ele foi “designado” (*tithemi*) ou comissionado pregador, apóstolo e mestre para a causa do evangelho. Nenhum detalhe adicional é dado, mas podemos corretamente supor que ele estava pensando na indicação descrita em Atos 13.

Ellen White se refere a esse comissionamento como uma ordenação. Ela indica que tal cerimônia marcou o início do apostolado de Paulo.⁴

ANCIÃOS DE IGREJA

Três passagens falam sobre a designação de anciãos de igreja, todas em relação com o ministério de Paulo. Quando Paulo concluiu sua primeira viagem missionária, ele e Barnabé revisitaram os lugares que tinham evangelizado. Entre outras atividades destinadas a “fortalecer” os “discípulos”, escolheram (*cheirotoneo*) anciãos nas igrejas, depois de jejuar e orar (Atos 14:23).

O verbo que aqui é usado para “eleição” aparece apenas uma vez no Novo Testamento. No grego clássico, essa palavra significa levantar as mãos num processo de votação. Se ela significa alguma coisa diferente, tal como imposição de mãos, no uso eclesiástico feito por Paulo, não sabemos. Em todo caso, a indicação de anciãos locais, como parte da organização eclesiástica, parece estar claramente em vista.

Em I Timóteo 3, Paulo delineou as qualificações espirituais para oficiais de igreja – bispos, diáconos e “mulheres”. Mas ele não deu instruções sobre qualquer cerimônia de indução até uma rápida menção em I Timóteo 5:22. Aqui ele advertiu para que Timóteo não impusesse as mãos (*cheir epitithemi*) precipitadamente sobre ninguém, a fim de que não se tornasse “cúmplice de pecados de outros”. Evidentemente, ele estava pleiteando em favor de cristãos amadurecidos como líderes eclesiásticos.

Paulo deixou Tito em Creta a fim de organizar a igreja. Entre outras coisas que ele devia colocar em ordem (*kathistemi*), estava a instituição de anciãos em diferentes cidades. Tito deveria fazer conforme lhe foi prescrito (Tito 1:5). Infelizmente, as diretrizes específicas de Paulo sobre esse assunto não chegaram até nós, através das Escrituras.

A esses três casos ainda poderia ser adicionada a experiência de Timóteo. Paulo lembrou a esse jovem ministro do dom que ele recebeu “mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério” (I Tim. 4:14). Se isso referia-se à indução em um ofício, um ministério de cura, ou à recepção do Espírito Santo, não é especificado. Podemos concluir que, em algum momento, Timóteo foi feito ancião, presbítero ou pastor, mas não temos detalhes.

As informações sobre o trabalho do ancião, especialmente com respeito ao seu comissionamento, são escassas. Sabemos que eles eram líderes nas igrejas,

que desempenhavam uma tarefa espiritual. Foram chamados anciãos ou presbíteros, porque pessoas mais velhas eram líderes tradicionais. Algum tipo de cerimônia os investia no trabalho eclesiástico. Nessa investidura parece estar incluída a imposição das mãos.

O QUE APRENDI

As informações que pude reunir não foram tantas como eu gostaria de obter. No entanto, encontrei dados suficientes no Novo Testamento sobre designação ao ministério, para estar razoavelmente segura das seguintes conclusões:

♦ Crentes qualificados eram designados a tarefas ou ministérios específicos.

♦ Alguma forma de capacitação tinha lugar. Os que eram investidos se tornavam o que não tinham sido até então.

♦ A indicação tinha nuances espirituais: o Espírito guiava, Jesus Cristo chamava; havia oração e jejum; assim, o comissionamento não era inteiramente humano.

♦ A designação era feita pela igreja, para benefício dela mesma.

♦ Quem fosse indicado deveria possuir algumas qualificações.

♦ O objetivo final do comissionamento era a missão – a difusão do evangelho.

O que não encontrei foi qualquer noção de hierarquia e poder atrelados à indicação. Separados pela imposição das mãos, apóstolos e anciãos estavam comissionados a fazer mais, ser melhores servos, mais responsáveis por suas ações, diante da igreja que, naquele tempo, não existia institucionalmente como hoje.

Não são muito claras instruções sobre como, quando, onde e por que os crentes eram comissionados a tarefas específicas, ou ofícios. Mas é evidente que essa designação eclesiástica era, e é, parte da legítima atividade da Igreja. Parece ser um dos itens que a liga ao Céu (Mat. 16:19). A Igreja está capacitada para tomar decisões e indicações de pessoas, tendo em vista o cumprimento de sua missão.

Finalmente, podemos considerar o “Ide... fazei discípulos” (Mat. 28:19) a grande comissão dada a todo cristão. Ela é paralela à recebida na ordenação pastoral, tornando o crente o que não era antes, conforme Ellen White aponta: “Todo verdadeiro dis-

cípulo nasce no reino de Deus como missionário”,⁵ e o capacita para o trabalho de pregação.

Essa designação acontece por ocasião do batismo e inclui aqueles “sobre quem mãos humanas nunca foram postas em ordenação, [que] são chamados a desempenhar importante parte na salvação de almas”.⁶ Para cumprir essa missão, todos, não simplesmente os sacerdotes e reis de Israel, podem ser qualificados pela unção do Espírito Santo. Depois de tudo, somos, como diz Pedro, um sacerdócio real (I Ped. 2:9). ◊

Referências:

¹ Cãnon 1008, Lei Canônica de 1983.

² No início do capítulo 30 de O Desejado de Todas as Nações, Ellen White cita a Versão King James de Mar. 3:13 e 14: “Ele ordenou doze” (pág. 290). Embora ela use o termo “ordenação” (pág. 293), nada diz sobre qualquer cerimônia.

³ Ellen White usa o termo “ordenar” para referir-se ao que aconteceu em Atos 6 (Atos dos Apóstolos, pág. 90). Af os sete escolhidos são chamados diáconos. Em Spirit of Prophecy, vol. 3, pág. 193, e em História da Redenção, pág. 260, eles são “homens escolhidos” não identificados como diáconos.

⁴ Ellen G. White, Atos dos Apóstolos, pág. 164.

⁵ _____, O Desejado de Todas as Nações, pág. 195.

⁶ _____, Atos dos Apóstolos, pág. 355.

Designações ministeriais do Novo Testamento

Escolhidos	Texto	Propósito	Quem Ordenou	Elementos adicionais
Os doze	Mat. 10:1-5	Poder para curar e expulsar demônios	Jesus	Poder
Os doze	Mar. 6:14-19	Estar com Ele, pregar e expulsar demônios	Jesus	Poder
Os doze	Luc. 6:13-16	Apostolado	Jesus	Oração durante uma noite
Os setenta	Luc. 10:1-9	Pregar e curar	O Senhor	–
Ananias	Atos 1:21-26	Substituição de Judas	Pedro e os irmãos	Oração e sorte
Os sete diáconos	Atos 6:2-6	Servir às mesas	Os apóstolos	Oração e imposição de mãos
Paulo e Barnabé	Atos 13:1-3	Pregação aos gentios	O Espírito Santo	Oração, imposição de mãos e jejum
Paulo	I Tim. 2:7	Pregação e apostolado	Cristo Jesus	–
Paulo	II Tim 1:11	Pregação, apostolado e ensino	Cristo Jesus	–
Anciãos	Atos 14:23	Anciãos de igreja	Paulo e Barnabé	Oração e jejum
Anciãos	I Tim. 5:22	Ancião	Timóteo	Imposição de mãos
Anciãos	Tito 1:5	Ancião	Tito	–

LIÇÕES DA NOSSA TRADIÇÃO



Juan Millanao O.

D.Min., professor
de Teologia na
Universidade
Adventista do Chile

Os desafios
e sucessos que
lançaram as
bases do
evangelismo
integrado no
adventismo

O conceito e prática que encerra a frase “evangelismo integrado” é tão importante que merece a luz que provém da nossa tradição adventista. Ainda hoje, podemos tirar várias lições da prática evangelizadora adventista do sétimo dia entre 1870 e 1880. Essa década revela uma interessante interação entre pastores-evangelistas (itinerantes) e os membros voluntários. Foi realmente uma década muitíssimo especial em termos de evangelização e crescimento de igreja¹, quando o índice de crescimento anual alcançou um histórico 12%. O número de membros aumentou de 5.440 para 15.570. O crescimento em instituições, a penetração na Europa e o recrutamento de novos obreiros também foram significativos.

PARTICIPAÇÃO LEIGA

Segundo a literatura disponível sobre o assunto, de uma forma geral, durante aquela década, houve uma progressão positiva que teve seu ponto culminante na maior valorização dos membros da igreja.² Esses membros assumiram sua responsabilidade no sustento financeiro da Causa e participaram ativamente na distribuição de tratados impressos, que, de acordo com S. N. Haskell, não se tratava de uma fortuita distribuição, mas um projeto cujo objetivo era “ver quanto de bem pode ser alcançado”.³

Os leigos revelaram capacidade para fazer o trabalho de evangelismo público e, especialmente, pessoal. Se houve algum grau de indiferença entre os membros, até 1878, Ellen White explica o porquê: “Foi-me mostrado que muitos não se comprometem com o trabalho missionário porque este assunto não lhes tem sido apresentado... pelos pastores que têm trabalhado em seu benefício. Esses pastores têm descuidado uma parte essencial de seu dever, e como resultado alguns são indiferentes, mas poderiam estar trabalhando se houvessem sido mais perfeitamente instruídos”⁴, ela escreveu.

DESAFIO PIONEIRO

Do ponto de vista da ação dos pastores, devemos lembrar que essa década foi mais evangelística do que pastoral. No início de 1879, foi votado que alguns pastores permaneceriam num distrito durante um ano, depois de terem servido como itinerantes, com todo o sacrifício que isso implicava.⁵ O editor da *Review and Herald*, naquela ocasião, opinava: “Uma mudança a esse respeito produzirá um estado mais saudável dos assuntos em nossas igrejas.”⁶

Até o final daquela década, os pastores contraíram distintas enfermidades, o que levou o Pastor Tiago White a fazer um apelo, em 1871, no sentido de que “todos os amigos da causa, sejam pastores ou irmãos, atuem pronta, cuidadosa e liberalmente com a sua parte na causa, e esperem de nós fazer somente a nossa parte proporcional da obra”.

Quatro anos mais tarde, ele escreveria o seguinte: “Tem chegado o momento de deixar cargas, um ponto do qual nunca podemos ser induzidos a voltar atrás. Que estes cuidados e cargas sejam divididos entre nossos homens mais jovens.”⁷ Num processo de avaliação, em 1880, ao recordar a paralisia que o afetou em 1865, Thiago White pôde afirmar: “Es-

tamos livres de dor e debilidade.⁷⁸ Significativamente, no mês que se seguiu à declaração do Pastor White, a *Review* publicou um artigo intitulado “*Health as a Factor in the Minister’s Success*” [Saúde como um fator no êxito de um ministro].

AS CAMPAIS

Especialmente de 1875-1880, foram realizadas muitas e bem freqüentadas reuniões campais, as famosas *camp-meetings*. Embora essas reuniões representassem uma oportunidade para o culto corporativo, e fossem consideradas “uma necessidade”, estavam centralizadas em uma oratória destacada.

A respeito desses encontros Tiago White escreveu, na *Review* de 30/06/1874: “Os adventistas do sétimo dia terão, na presente temporada, 13 campais... estas são grandes reuniões. Para nossas igrejas, não tendo pastores permanentes ou estabelecidos, é importante uma assistência geral dos membros a essas assembléias anuais, para desfrutar sermões práticos, daqueles eminentemente qualificados para alimentar o rebanho de Deus e participar num culto social. As campais são mais uma necessidade do que uma opção para nossa juventude, amplamente em expansão e crescente organização.”

As reuniões campais não eram perfeitas em seu desenho e Ellen White fez duas recomendações sobre elas: Deveriam ser cristocêntricas e os pastores deveriam aproveitar a oportunidade para capacitar os membros da igreja. Em 1879, ela escreveu: “Se não forem conduzidos de maneira a exaltar Jesus e a verdade, em vez de mostrar o que tem sido feito, os esforços serão desperdiçados, e o tempo e energia para manter o interesse das reuniões serão piores do que a perda.”¹⁰

Na esteira desse pensamento, o editor da *Review and Herald* escreveu um artigo cujo teor e conteúdo o fazem ser, talvez, inédito até então. Do ponto de vista da *Tract and Missionary Society* [Sociedade de Folhetos e Missionários], disse que “os pastores deveriam sentir a responsabilidade de educar nossos irmãos nesta parte da obra... tanto nossas igrejas jovens como os irmãos e irmãs de igrejas mais antigas estão dispostos a trabalhar quando têm sido devidamente instruídos”. Isso apareceu na *Review* de 16/06/1880.

Daquele artigo, podem ser destacados três assuntos importantes: 1) Ainda no contexto da distribuição de folhetos,

a função pastoral seria educar os membros; 2) membros novos e antigos estavam dispostos a realizar a tarefa, mediante a condição de serem capacitados para ela; 3) declínio da manifestação de confiança por parte da liderança da igreja na capacidade dos membros (novos e experientes), até o fim da década em apreço. Até aí, “muitos obreiros eficientes mostravam tendência para o desânimo e a inatividade no trabalho missionário, porque não viam resultados imediatos de seu trabalho”.¹¹

ESVAZIAMENTO

Infelizmente, Howard Weeks estabelece que a década seguinte (1880-1890) mostrou uma mudança no formato das reuniões campais que, somada a outros fatores, produziu um declínio importante em resultados quantitativos. Weeks, tanto em sua tese como em seu livro *Adventist Evangelism in America* [Evangelismo Adventista na América], menciona que o crescimento de membros nos Estados Unidos e no Canadá entre 1880 e 1904 foi de apenas 2%, diminuindo ainda mais nos anos posteriores.

Esse autor apresenta quatro fatores que influenciaram o ritmo da evangelização a partir de 1880: 1) Debate teológico interno, que alcançaria seu clímax na assembléia de Mineápolis, em 1888; 2) agitação interna pelas leis dominicais e a conseqüente ação da Igreja em favor de uma legislação apropriada; 3) desprezo aos movimentos de reavivamento, por serem parciais e infiéis à doutrina bíblica; e 4) movimentos de pessoas do campo em direção à cidade (migração interna).¹²

Por outro lado, Uriah Smith, em 1878, lamentava, através da *Review* (18/08), a reduzida assistência dos membros a uma campal: “Deve ser dito, somente 36 igrejas das 60 pertencentes à Associação de Michigan tiveram representantes no local. Isso significa que de 24 igrejas dessa Associação, nenhum representante foi encontrado, dentro desta grande reunião de guardadores do sábado.”

Observando o desânimo ministerial e o declínio evangelístico, M. L. Huntley, na *Review and Herald* (01/04/1880), animou os pastores a que recobrassem o ânimo, diante do que alguns membros da igreja estavam fazendo em matéria de pregação do evangelho. Isso parece ser evangelis-

mo integrado, forjado tanto nos sucessos como nos desafios de toda a igreja.

NOSSO APRENDIZADO

Que lições podemos extrair de tudo isso, para o nosso programa atual de evangelização?

♦ Necessidade de equilíbrio pessoal e institucional.

♦ Um método originalmente efetivo pode perder essa propriedade. Os métodos devem ser avaliados constantemente, e não devem ser vistos como eternos nem associados com uma personalidade denominacional carismática e influente.

♦ A evangelização deve ser cristocêntrica em sua pregação e deve programar a capacitação dos membros dispostos a somar na pregação. Pastores e membros estão associados em uma missão comum. É complementação, não competição.

♦ Trabalhar com os irmãos pode chegar a ser, em determinados momentos, uma experiência ingrata e pode registrar uma velocidade mais lenta no começo. Mas os resultados serão mais estáveis e gloriosos.

♦ Tanto pastores como leigos mostraram espírito de consagração e sacrifício.

♦ O crescimento da igreja é afetado quando controvérsias teológicas são desenvolvidas e não se toma uma ação definida para resolvê-las.

♦ A evangelização acontece dentro do contexto geral da igreja.

♦ Em uma década de crescimento pela evangelização, pode, simultaneamente, estar se desenvolvendo uma desaceleração ou estancamento desse crescimento.

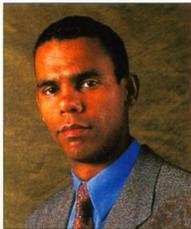
♦ Os pastores, aparentemente, não trabalham conscientes de estar criando um importante precedente para a igreja. O que parece claro é seu espírito de consagração e sacrifício. ◉

Referências:

- 1 Howard B. Weeks, *Adventist Evangelism in the Twentieth Century*, Review and Herald Publishing Association, 1969, pág. 14.
- 2 *Review and Herald*, 23/08/1877, pág. 66.
- 3 S. N. Haskell, *Review and Herald*, 02/12/1875, pág. 173.
- 4 Ellen White, *Review and Herald*, 19/12/1878, pág. 193.
- 5 *Review and Herald*, 30/01/1879, pág. 37.
- 6 *Ibidem*.
- 7 Ellen White, *R&H*, 08/01/1875, pág. 16.
- 8 *R&H*, 26/08/1880, pág. 152.
- 9 *R&H*, 08/07/1880, págs. 40 e 41.
- 10 Ellen White, *R&H*, 10/07/1879, pág. 17.
- 11 M. L. Huntley, *R&H*, 01/04/1880, pág. 219.
- 12 Mais detalhes em Weeks, *A Historical Study of Public Evangelism in the Seventh-day Adventist Church: 1900-1966*, Tese doutoral (Michigan State University, 1966), opágs. 8-11.

TESTEMUNHO

FIEL E VERDADEIRO



Rodrigo P. Silva

D.Min., Professor no
Centro Universitário
Adventista de
São Paulo,
Engenheiro Coelho, SP

**A Laodicéia
profética,
que logo se
encontrará com
o seu Deus,
ainda tem muito
a aprender com
a Laodicéia
antiga**

A carta de Cristo à igreja de Laodicéia é um dos mais importantes textos para a igreja remanescente. Embora sua mensagem seja uma “impressionante acusação”,¹ contém um convite de amor da parte dA-quele que Se diz “a Testemunha fiel e verdadeira”. Considerando que esta “advertência à última Igreja... deve ser a todos os que pretendem ser cristãos”,² entendemos que o estudo de Apocalipse 3:14-22 nunca será um tema exaustivo em nosso púlpito. É nosso dever, ao anunciar a Palavra de Deus ao povo, ser mais do que portadores de uma mensagem que nada signifique para nós mesmos. Devemos ser pregadores que refletem a luz do Céu e brilhem para a glória de Deus.

Levando em conta a importância do tema, apresentaremos neste artigo um enfoque histórico e arqueológico da cidade de Laodicéia, buscando compreender a razão pela qual essa cidade foi escolhida para ser comparada à Igreja do fim dos tempos.

FUNDAÇÃO DA CIDADE

Laodicéia é o nome de pelo menos oito cidades fundadas ou reformadas durante os três últimos séculos antes de Cristo. Muitas delas receberam o nome em homenagem a Laodice, esposa de Antíoco II Theos e mãe de Seleuco II, da dinastia dos reis selêucidas da Síria que, então, dominava o povo. Até Beirute chegou a ser denominada “Laodicéia cananita”. Na Índia, também é possível encontrar ruínas de uma área urbana que traz o mesmo nome. Mas a Laodicéia do Apocalipse é uma metrópole da Ásia Menor, que existia como uma pequena vila desde a época dos hititas, por volta de dois mil anos a. C.

De acordo com Plínio, historiador e político do primeiro século, essa Laodicéia chamava-se originalmente Dióspolis e Rhoas.³ Esse último nome é de compreensão difícil e pode pertencer a algum antigo idioma da região da Anatólia. Já o primeiro significa “cidade de Deus”, uma referência a Zeus ou Júpiter como principal divindade do lugar. A mudança do nome deve ter causado polêmica entre alguns do povo. Primeiramente, porque a região caíra nas mãos dos selêucidas, que então a dominaram, e Laodice não gozava de muita simpatia no meio do povo. Ademais, isso poderia significar um abandono gradual de sua divindade local em troca da figura de Antíoco II Theos, o novo rei, cujo nome continha um trocadilho que tanto podia significar “o opositor de Deus” quanto “o deus opositor”.

É curioso notar que as ações dos 13 reis selêucidas que receberiam o nome de Antíoco (*anti* = contra) lembram muito de perto as atitudes do futuro anticristo a quem Paulo apresenta como aquele que “se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus” (II Tess. 2:4). Assim, a vila, antes chamada “cidade de Deus”, agora passa a ser a “metrópole de Laodice” ou Laodicéia. Tal mudança indica uma forte secularização do lugar, apesar da aparente religiosidade expressa nas moedas que apresentavam a figura de Zeus segurando uma águia na mão direita. O resultado imediato foi que Laodicéia

se tornou, em pouco tempo, um centro de produção dos “filósofos cétricos”, que, inspirados nas idéias de Górgias, duvidavam da existência de Deus e dos valores da religião.

Esse novo ambiente secular pode ser visto, principalmente, numa comparação entre a medicina exercida em Laodicéia e a exercida em Pérgamo. Esta última ainda mantinha muito forte o vínculo entre ciência e religião que, embora envolto pelo paganismo, era próprio da mentalidade da época. Laodicéia, porém, tinha seu programa totalmente secularizado, reservando aos templos toda e qualquer alusão ao sagrado.

A urgência dos acontecimentos e a vontade divina de salvar o homem explicam o gesto de Cristo, batendo à porta do nosso coração

DITADURA OU SEDUÇÃO

Nenhum povo gosta do invasor estrangeiro. Por isso, Antíoco enfrentou oposição no início de seu governo. Mas, logo o ambiente hostil começou a mudar, à medida que a cidade prosperava sob o governo selêucida. Para fazer justiça ao nome da rainha, a nova Laodicéia tinha de ser uma metrópole de infra-estrutura exemplar, com belos prédios e arquitetura refinada. Isso impressionou os moradores acostumados à simplicidade. Estrabão, historiador e geógrafo grego do primeiro século, afirma que a cidade não tinha importância nenhuma antes de Antíoco II. Porém, com a administração selêucida as coisas mudaram e Laodicéia se tornou muito rica, uma das mais famosas cidades da Anatólia.

A partir de então, o antigo inimigo passou de tirano a benfeitor. Suas melhorias seduziram o povo, que começou a ter tranquilidade, admira-

ção e orgulho de sua nova condição. O progresso, nesse caso, teria custado ao povo uma boa fatia de seu apego à religião ou, pelo menos, da prioridade às coisas espirituais. Um detalhe que chama atenção é que, até hoje, nenhum arqueólogo conseguiu encontrar o famoso templo de Zeus – principal edifício da época pré-antioquena, quando a cidade ainda se chamava Dióspolis. Uma explicação seria a de que o prédio fora transformado em edifício público, devido ao gradual desinteresse popular pelo antigo culto e, talvez, tenha se reduzido a algum pequeno santuário como os até agora desenterrados naquele sítio arqueológico.

Porém, o fato é que não existe adorador neutro. Independente do meio, cultura, idade ou posição social, todo indivíduo nasce e cresce com a necessidade de cultuar algo ou alguém. Ninguém retira Cristo do trono para deixá-lo vazio. Um usurpador será convidado para substituí-Lo. Assim nasce a idolatria.

Sendo um termo grego, Laodicéia deriva de duas palavras: *Laos* e *dikaïos*, que significam respectivamente “povo” e “juízo”. Estamos acostumados a ouvir que o sentido mais próprio do termo seria “juízo do povo”, numa alusão clara ao juízo investigativo, iniciado no Céu em sincronia com o nascimento da última fase do cristianismo, simbolizada na sétima igreja de Apocalipse 3. Essa interpretação está correta, à luz do idioma grego. Há, contudo, outra possibilidade etimológica que acentua outro dado. Laodicéia também pode ser traduzida como “o povo que julga”. Isso significa que o ser humano, tomando as rédeas da ética no lugar de Deus, passa sem cerimônia a exercer o papel de legislador entre o bem e o mal. A vontade do povo é colocada na frente do querer de Deus. Já não há preocupação em saber o que Deus pensa, mas o que é conveniente de acordo com a maioria.

Eis aí uma perigosa conduta de nosso tempo: agir como se soubéssemos, melhor do que Deus, o que é certo e errado para nossa vida e a Igreja. Na fase de apostasia laodiceana, já não é a Palavra de Deus que normatiza e orienta o crente, mas a experiência, o bom senso, a lógica social, econômica e empresarial, a vontade popular. É a religião do *vox populi vox Dei* (a voz do

povo é a voz de Deus). O conselho a Laodicéia nos adverte de que a voz do povo foi, muitas vezes, a voz de sua própria ignorância, atenuando pecados e brincando de cristianismo.

Mas isso não significa o fim da religiosidade. A forma aparentemente piedosa de adoração continua a existir. Poucos são os cristãos que admitem o erro com base em seus próprios conceitos. Muitos colocam nos lábios de Deus as regras criadas pela sua própria estreiteza de pensamento. Relêem o Gênesis pelo avesso, propondo que façamos Deus à nossa imagem, conforme nossa semelhança, desejos, atitudes e conceitos.

CIDADE DE RISCOS

Com seu crescimento, Laodicéia foi se tornando uma importante metrópole da Ásia Menor. Suas ruínas, desenterradas por arqueólogos franceses, italianos e turcos, hoje podem ser vistas num parque que fica a seis quilômetros da moderna cidade de Denizli, na Turquia. Ainda há muito para ser escavado. Mas, o que já foi encontrado ajuda bastante a reconstituir a história daquele magnífico lugar. Porções das muralhas antigas revelam quatro portas que lembram a descrição apocalíptica da Nova Jerusalém. A porta Siríaca, ao leste, é a mais bem preservada. Além disso, podem ser vistos ainda dois imensos teatros (um deles com capacidade para 20 mil pessoas), um estádio olímpico com quase 350 metros de extensão, dois templos, três casas de banho, duas fontes conhecidas como “ninfêus” (em homenagem às ninfas) e um ginásio de esportes, entre outras ruínas.

No tempo de João, Laodicéia era uma cidade da Frígia, situada numa colina perto da confluência do rio Lico com o vale de meandro. O local formava uma área muito fértil que colocava os laodicensês em condição privilegiada. Laodicéia estava a apenas 80 quilômetros de Filadélfia e 160 de Éfeso. Seis estradas cruzavam o seu interior, permitindo que ela fosse o centro de importantes rotas comerciais. Isso a tornava uma espécie de alfândega que controlava as mercadorias em trânsito e cobrava os impostos. Parte dos tributos ficava na própria cidade e era usada no desenvolvimento de sua área urbana.

Não é por menos que Laodicéia foi considerada a principal e mais rica

metrópole da região. Ela possuía o maior centro bancário da Ásia Menor, especializado em câmbios de ouro e moeda estrangeira. Na época de Roma, os países dominados tinham moedas locais e só poderiam comercializar no exterior trocando-as por moedas romanas. Laodicéia, portanto, recebia muito dinheiro do Império para ter suficiente capital de giro para a constante troca de dinheiro.

No coração da cidade ficava uma das maiores escolas de medicina do mundo antigo. Sua fama decorria, principalmente, da arte de curar os olhos a partir de um colírio à base de alume ou sulfato, abundante na região. Pessoas de todo o Império iam se tratar com seus oftalmologistas. O centro têxtil de Laodicéia era outra fonte de renda que produzia e exportava tecidos finos. Sua grife era cobizada pela mais alta sociedade imperial. O preço era monstruoso. Uma lâmina fina, obtida a partir da criação de um raro carneiro negro, colocava a indústria têxtil laodicicense entre as primeiras do mundo antigo.

O centro bancário, a produção de colírio e a indústria têxtil parecem

contrastar com a realidade espiritual de “pobre, cego e nu” descrita no Apocalipse. Sua condição financeira a fazia sentir-se bastante segura para ostentar a arrogância de não ter falta de nada. Porém, sua aparência externa não correspondia ao seu interior.

Com o fim da República Romana e o início da Roma Imperial, Laodicéia aumentou seu prestígio, tornando-se uma das mais importantes e promissoras cidades da Ásia Menor. Basta dizer que Hiero, um dos seus cidadãos mais ricos, resolveu adornar por conta própria toda a cidade, e esse foi apenas “um singelo presente”, dado com os cumprimentos de um cidadão local. Zeno e seu filho Palemo foram alguns dos convidados pessoais do imperador para serem reis em Patus, Armênia e Trácia.

O famoso orador e político Cícero visitou Laodicéia por volta do ano 50 a. C. e, mesmo verificando a existência de alguns problemas legais, não impediu que a cidade fosse feita o centro da Convenção de Kibyra (condição semelhante à de Genebra em relação à ONU). Por fim, em 129 a. D., o próprio imperador Adriano fez questão de conhecer a cidade e ficar ali por um tempo, despachando ofícios para a capital e o restante do Império.

Hoje a Igreja remanescente também

possui bom nível de reconhecimento entre governos seculares. Entre seus membros há pessoas de altíssimo nível cultural e econômico. Empresários, doutores e políticos dividem os bancos de muitos templos adventistas, ouvindo sermões que anunciam a breve volta de Cristo. Isso é bom, pois indica que o evangelho continua alcançando todos os níveis sociais. No entanto, estaria tal ascensão social do adventismo correspondendo ao preparo necessário para o encontro com o Senhor?

Atribui-se a João Huss a experiência de estar com um velho amigo contemplando as maravilhosas catedrais européias, diante das quais ele teria comentado, lembrando Atos 3:1-10: “Hoje a Igreja não precisa mais reclamar como João e Pedro: ‘não tenho prata nem ouro’, pois ela o tem. Contudo, já não está apta a ordenar: ‘Em nome de Jesus, levanta e anda.’”

A aparência destituída da verdadeira essência causa náuseas a Cristo. Ao lerem isso, os destinatários do Apocalipse teriam, por certo, a vívida descrição dos muitos chafarizes, ou ninfeus, que faziam parte da ornamentação da cidade. Eram obras de arte, esculpidas no mais fino estilo greco-romano. Mas o incauto sedento que fosse beber de suas águas seria surpreendido pelo gosto ruim que elas possuíam.

Sendo a região rica em sulfato, o mesmo produto que permitia a fabricação de colírio contaminava os principais lençóis freáticos, fazendo com que muitas fontes de água mineral se tornassem salobras. Além disso, o vale era parte de uma região vulcânica que aquecia as águas tornando-as mornas e impróprias para o consumo. A prefeitura local gastava muito dinheiro canalizando água potável de alguma fonte para as residências. Porém, os chafarizes continuavam vertendo uma água mineral aparentemente cristalina, mas salobra e morna.

CAOS E ORGULHO

Há dois tipos de ateísmo que disputam lugar nas atitudes humanas. Um é chamado de “ateísmo teórico” e propõe a inexistência de Deus, convidando todos a abandonarem a noção do sagrado. Outro, o “ateísmo prático”, propõe aber-



J. Card

tamente que Deus existe, mas vive como se Ele não existisse. O orgulho espiritual é o primeiro sintoma do ateu prático. Ele não necessita de nada; está convicto de suas atitudes. Pensa que o simples fato de ter o nome no livro da Igreja é o suficiente para tê-lo, também, no livro do Céu. Para os tais, Ellen White diz que “ser cristão não é meramente tomar o nome de Cristo, mas ter o espírito de Cristo, submeter-se à vontade de Deus em tudo”.⁴

É na tentativa de salvar o crente do orgulho espiritual e da acomodação no erro que Cristo diz repreender e disciplinar a todos quantos ama. Essa repreensão poderá vir desde a forma de advertências proféticas até o colapso que leva a mente a se lembrar de Deus.

Situada em uma área de muitas atividades sísmicas, Laodicéia sofria muito com terremotos que causavam grande destruição. Durante o reinado de Augusto, um forte tremor destruiu vários prédios que foram reconstruídos com a ajuda do Império. Em 17 a. D., foi novamente atingida, e recuperada por Tibério César. Porém, quando a cidade se viu abalada pelo mais terrível terremoto de sua história, em 60 a. D., simplesmente recusou qualquer ajuda imperial, alegando que isso seria uma humilhação para seus abastados cidadãos. Seu orgulho havia chegado ao limite do ridículo.

Historiadores como Estrabão e Tácito dizem que Laodicéia não apenas recusou a ajuda imperial, mas procurou reconstruir-se com suas próprias forças. Um único morador, chamado Nicostratus, disse ter dinheiro suficiente para, sozinho, financiar a reconstrução do estádio olímpico. Quando o enviado de Roma chegou à porta da cidade para verificar o estrago e agilizar a remessa de ajuda, os orgulhosos representantes dispensaram sua visita, sugerindo que seguisse adiante buscando outro povo mais necessitado do que eles. Esse episódio repercutiu negativamente entre o povo que, 40 anos depois, ainda era reconhecido como orgulhoso e arrogante.

Curiosamente, por esse tempo, boa parte da população laodiceana era constituída de judeus, muitos deles convertidos ao cristianismo. O segmento judaico da metrópole contava com algo em torno de sete a onze mil habitantes. Há quem estime que a atitude orgulhosa diante do desastre seria esti-

mulada por judeus influentes que moravam no lugar. Seja como for, os destinatários imediatos da carta estavam bem familiarizados com a história da rejeição e se lembraram dela, ao lerem a advertência de Cristo para que o erro não se repetisse na igreja cristã local.

ESPERANÇA

Depois de um longo tempo de prosperidade e contínuos terremotos, Laodicéia finalmente caiu nas mãos de invasores turcos e deixou de pertencer à Síria. Quanto à igreja que ali havia, alguns de seus membros pareceram ter compreendido bem a mensagem de Cristo e seguido o Seu conselho. Compraram dEle o colírio, o ouro e as vestes espirituais que lhes faltavam. Setenta anos após a advertência escrita por João, o bispo da igreja local foi

É na tentativa de salvar o crente que Cristo diz repreender e castigar

morto por não negociar a sua fé. Ele estava no território de Laodicéia, mas não aceitou ficar no estado de Laodicéia. Seu martírio é a certeza de que Deus sempre terá um remanescente. São milhares de “Elias” que não se curvavam diante de Baal.

Em 363 a. D., Laodicéia foi escolhida para abrigar um importante concílio da Igreja. Restos de uma igreja bizantina foram desenterrados ao sul da cidade, perto a uma rua com muitas colunas, o que indica uma forte presença cristã na região. Suas ruínas revelam que a entrada principal era voltada para o oriente, como se estivesse à espera da nuvenzinha branca que indica a vinda do Senhor. Isso parece dizer que muitos ali atenderam à mensagem do Apocalipse, e Deus pôde, assim, abençoar Seu povo.

E quanto ao futuro? Existe esperança para a Laodicéia espiritual dos últimos tempos? “O conselho da Testemunha Verdadeira não retrata os que são

mornos como estando numa situação desesperadora. Existe ainda a possibilidade de remediar a situação, e a mensagem à igreja de Laodicéia está repleta de encorajamento.”⁵

Tal esperança é retratada numa dinâmica que perpassa as seis fases, ou igrejas, que antecedem o último conselho:

Éfeso: “arrepende-te... e, se não, venho a ti” (2:5).

Esmirna: “sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (2:10).

Pérgamo: “portanto, arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora” (2:16).

Tiatira: “conservai o que tendes, até que Eu venha” (2:25).

Sardes: “se não vigiastes, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti” (3:3).

Filadélfia: “venho sem demora” (3:11).

Laodicéia: “eis que estou à porta e bato” (3:20).

Em Laodicéia, o anúncio da breve chegada é substituído pela visão de alguém que já chegou e está à porta, esperando entrada. Diferente do costume ocidental, no oriente, quando alguém chega a uma casa, anuncia-se. O recurso de bater à porta é mais comumente usado para situações de emergência ou crise carente de pronto atendimento. Um amigo em visita cordial, não apressada, anunciava seu nome, e o anfitrião reconhecia a voz, convidando-o a entrar. Porém, numa situação de urgência, como a chegada de um exército ou uma tempestade, não havia tempo para anúncios formais e utilizava-se o método de bater fortemente à porta, indicando que o assunto era sério.

A partir desse reconhecimento cultural, entendemos que Jesus não está calmamente batendo, como se fosse apenas uma visita regular. Ele bate com força, denunciando urgência. O tempo está terminando e a necessidade de aceitar Sua salvação é agora. A urgência dos acontecimentos e a vontade divina de salvar o homem explicam o gesto de Cristo, insistindo à porta do nosso coração, para que o abramos e Lhe concedamos morada. ☛

Referências:

¹ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 327.

² _____, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 6, pág. 77.

³ *Naturalis Historiae Liber V*, pág. 105.

⁴ Ellen G. White, *Para Conhecer-Lo*, (Meditações Matinais, 1965), pág. 174.

⁵ _____, *Review and Herald*, 28/08/1894.

UM DUETO AFINADO



Peter Landless

Médico e pastor,
diretor associado do
Ministério de Saúde da
Associação Geral da
IASD

**Sugestões
que fazem
do pastor e
do médico
uma equipe
ministerial
efetiva**

Ele tinha 65 anos de idade. Décadas de escravidão ao cigarro lhe deram um câncer na laringe. Uma laringectomia resultante destruiu sua capacidade para falar, e um amplificador de plástico foi-lhe acoplado, a fim de traduzir ruídos guturais em sons inteligíveis. Mas o câncer voltara e, em sua marcha implacável, espalhou-se e invadiu o esôfago, tornando impossível a deglutição. Então introduzimos um tubo de alimentação em seu estômago, via abdômen, numa tentativa de providenciar-lhe nutrição adequada.

Com o passar dos dias, a deterioração física era óbvia. O requerimento de analgésicos aumentava, mas o sofrimento parecia invencível. Cada manhã, eu me dirigia ao Centro de Tratamento Intensivo esperando encontrar uma cama vazia e uma mensagem escrita por alguém da equipe noturna informando que o paciente finalmente morrera em paz. Ali, eu – um idealista e vibrante jovem médico residente – começava a aprender, dolorosamente, as limitações da medicina moderna.

Um dia, durante uma visita rotineira, postei-me ao lado daquela cama e fechei as cortinas da janela. Observei o meu paciente e vi o seu desesperado olhar de súplica, acompanhado de grunhidos patéticos. Tremi, controlei-me, e lhe perguntei: “Há alguma coisa não resolvida que está preocupando você?” Seus olhos encheram-se de lágrimas enquanto ele se esforçava para confessar seu despreparo para a morte e sua luta ainda não concluída com o temor e a culpa.

Falei-lhe da confissão, do perdão e da salvação gratuita de Deus. Então o convidei a aceitar Cristo como seu Salvador pessoal. Choramos e oramos juntos. Sua dor física dissipou-se. Pela primeira vez, naqueles dias, ele sentiu sono e dormiu um pouco. Seis horas depois, com uma sinal de paz no semblante, ele morreu.

A NECESSIDADE REAL

Qual era a necessidade real desse paciente? Lenitivos contra a dor? Sim. Cuidados higiênicos? Certamente. Nutrição? Também. Porém, sua necessidade essencial era sentir paz e segurança interiores. Recentemente, um artigo publicado no *Journal of the American College of Surgeons* [Revista da Sociedade Americana de Cirurgiões] realçou a necessidade que têm os médicos e enfermeiros de revelar empatia para com os pacientes terminais. Além do empenho na satisfação das necessidades terapêuticas, eles devem também ouvir cuidadosamente, procurar compreender e prestar o auxílio necessário, nos campos emocional e espiritual.

Mas, uma pergunta se impõe: Estão os médicos equipados para trabalhar esses aspectos do cuidado integral de um paciente? Compreensivelmente, se tem sugerido que “a empatia pode e deveria ser o começo e o fim de todo cuidado dispensado a um paciente terminal”.¹ Porém, na luta contra o relógio, diante do crescimento do número de pacientes e de práticas médicas regulamentadas, será que existe alguma ajuda nessas coisas para o médico? Há um modelo a ser seguido?

Felizmente existe. “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no apro-

ximar-se do povo. O Salvador mistura-va-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: "Segue-Me."²

TRABALHO CONJUNTO

Certamente, os médicos podem aplicar, sozinhos, os princípios espirituais no tratamento e cura de pacientes. Mas uma abordagem cooperativa de pastores e médicos pode favorecer maior capacitação ao ministério médico. A comissão bíblica reflete esse tipo de ministério: "Também os enviou a pregar o reino de Deus e a curar os enfermos" (Luc. 9:2).

Dessa forma, nos tornamos absorvidos pelas profundas necessidades do mundo. É um fato que, em determinadas profissões que prestam auxílio a pessoas, é difícil limitar o número de paroquianos ajudados ou, no presente caso, o número de pacientes atendidos. Necessitamos prevenir-nos contra a armadilha de viver buscando adulação, descrevendo quão duro trabalhamos, ou que as pessoas simplesmente não podem viver sem nosso serviço ou ajuda.

É importante e agradável ser apreciado, mas, igualmente importante é guardar-nos de puxar a isca do egoísmo, que nos empurra em direção ao redemoinho da sobrecarga, do desânimo e da prestação de um serviço deficiente. A abordagem do ministério cooperativo pode oferecer alguma solução para o paradoxo da carência de compromisso total no serviço e o tão negligenciado ingrediente do equilíbrio.

LEQUE DE ATIVIDADES

O estabelecimento de parcerias no trabalho é muito importante. É uma parceria que se tem provado eficaz envolve o time pastor e médico. Essa cooperação representa uma influência formidável, dentro e fora da igreja. Existem maneiras pelas quais o dueto pastor-médico tem se mostrado efetivo em tomar iniciativas e fazer intervenções relacionadas ao estilo de vida.

Áreas específicas que podem auferir grandes benefícios da capacidade e da energia de um médico dedicado incluem programas de controle de peso e estresse. Cursos para deixar de fumar desfrutam considerável credibilidade quando têm a participação de profissionais de saúde. Médicos cristãos também podem ajudar na educação e

iniciativas preventivas contra o uso de álcool, cigarro e outras drogas. Eles podem ainda apoiar o Ministério da Mulher, apresentando assuntos de saúde e nutrição. Qualquer programa onde seja abordada a saúde feminina terá sua importância realçada, e será mais acreditado, se contar com a participação abalizada de um médico. Há muitas outras iniciativas que podem, com essa participação, ser benéficas à congregação local e à comunidade.

Quebra de preconceitos e muitas conversões ao Senhor resultam da parceria pastor-médico. É interessante notar que o ponto de partida dessas experiências acontece justamente quando um paciente demonstra interesse de entrar em contato com um pastor, especificamente um pastor que atuou com o médico que o atendeu. Não raro, esse interesse é despertado com uma oração feita pelo médico junto ao leito do doente, antes de uma cirurgia, ou quando o doente é atendi-

**"A obra
médico-missionária
é ... imaginada
pelo próprio
Deus"**

do com palavras amorosas pelo médico que foi chamado no meio da noite.

Um ingrediente importante para o êxito do funcionamento da equipe pastor-médico é uma comunicação aberta entre seus componentes. A agenda necessita ser clara; os objetivos, bem definidos. Sob tais circunstâncias, médicos e pastores serão fiéis aliados. Quando talentos e habilidades são combinados e multiplicados, os resultados são espantosos.

Há outro aspecto da atuação do médico e do pastor como um time: o médico é diretamente envolvido no evangelismo e no discipulado. Ao mesmo tempo, as sutis, e às vezes não tão sutis, agitações da vida clínica podem ser amenizadas. Um fator muito importante para assistência produtiva à igreja é sentir que você está sendo útil. Isso encoraja o empreendimento de um renovado esforço em busca de crescimento

espiritual progressivo, algo que tanto médicos como pastores necessitam.

DIREÇÃO ESPIRITUAL

Em um artigo intitulado "As necessidades espirituais do paciente terminal", Daniel Hinshaw descreve as necessidades que as pessoas sentem e expressam quando reavaliam a dimensão espiritual da vida em face da morte. Ele discute os vários aspectos das necessidades espirituais do paciente terminal e sua família. Há uma necessidade de reconhecer o sofrimento espiritual e então aliviá-lo.

Ao fazer isso, Hinshaw afirma que um dos meios utilizados é tomar uma história espiritual que inclui a seguinte questão: "Você tem fé? Ele ainda argumenta que, para essa abordagem, é fundamental ter e demonstrar respeito pelos valores, autonomia e vulnerabilidade do paciente, além de recomendá-lo à capelania ou outros líderes espirituais, quando for apropriado e com o consentimento do paciente. Talvez o princípio mais importante para quem está cuidando da situação e da pessoa é conhecer-se: "Você não pode direcionar a espiritualidade do paciente, sem direcionar a sua."³

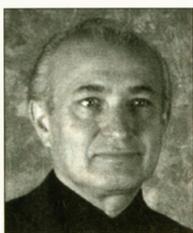
A assistência ao doente terminal pode ser enriquecida por uma cooperação apropriada e sensível entre médico e pastor. O prognóstico pode equilibrar as expectativas e a cooperação entre ambos pode facilitar o difícil processo dos últimos cuidados. O pastor está equipado apenas para cuidar das preocupações espirituais do paciente e sua família.

Não tenho dúvida quanto à efetividade do ministério cooperativo pastor-médico. Ele tem suas origens na inspiração e no exemplo divinos. Deseja você aplicá-lo mais amplamente e entusiasmadamente? "A obra médico-missionária é uma coisa sagrada imaginada pelo próprio Deus. Um elevado preço foi pago após a transgressão de Adão, para resgatar a raça caída. Os que cooperarem com Deus em Seu esforço para salvar, trabalhando nos moldes em que Cristo trabalhou, serão inteiramente bem-sucedidos."⁴ ◉

Referências:

- ¹ Daniel B. Hinshaw, "The Spiritual Needs of the Dying Patient", *Journal of the American College of Surgeons*, 195, n.º 4 (Outubro de 2002), págs. 565-568.
- ² Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 143.
- ³ Daniel B. Hinshaw, *Op. Cit.*
- ⁴ Ellen G. White, *Medicina e Salvação*, pág. 131.

COMBATE À INFIDELIDADE



Miroslav Kis

Ph.D., professor de ética no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

É dever da igreja nutrir o casamento e a vida familiar com a mesma insistência, e de melhor forma, que a mídia o faz

Quando eu tinha 13 anos, notícias de adultério na minha igreja golpeavam-me com força hercúlea. Todos os meus argumentos em favor do cristianismo dissipavam-se enquanto meus amigos escarneciam, dizendo que minha religião não podia criar melhores cidadãos do que a sociedade comunista na qual vivíamos. A grande questão era: Há qualquer esperança para o casamento, na Terra? Hoje, ao vermos a tendência crescente à infidelidade sexual na igreja e entre os líderes, somos confrontados com a mesma questão de identidade, relevância e esperança para a igreja, seus pastores e o casamento cristão. Talvez nossos jovens a enfrentem ainda mais agudamente que nós.

Que tipo de igreja eliminaria o comportamento imoral e tornaria a fidelidade e pureza nos relacionamentos uma realidade atrativa? Que nível de intimidade com Deus e Sua Palavra produziria uma comunidade que suscitaria das pessoas de fora a seguinte observação: “Estes cristãos são pessoas diferentes. Seu casamento é seguro, seus filhos são ensinados em eternos princípios que são relevantes para hoje. Há esperança porque há uma igreja cristã”?

NO MUNDO

Os cristãos ainda não se encontram no lar, e isso é de importância capital. Nas palavras de Jesus aos discípulos, “eles continuam no mundo” (João 17:11), mas “não são do mundo” (v. 14). Peregrinos, embora unidos como um corpo, vivem espalhados pelo mundo ao qual não pertencem (João 18:36). E nesse ambiente, a infidelidade é promovida abertamente, em lugar da fidelidade sexual no casamento. Eis como se dá essa promoção:

A centralidade do indivíduo. A igreja está mergulhada em uma sociedade de indivíduos dissociados. Esse é o resultado da longa marcha da História. Começando com o humanismo na Renascença, ajudados pela corrupção da ênfase reformadora no acesso direto do indivíduo a Deus, através do realce à primazia da razão no Iluminismo e, finalmente, a liberdade pessoal, política e econômica desenvolvida nas democracias ocidentais, chegamos hoje ao individualismo radical pós-moderno onde o eu é o centro e sua própria autoridade.

Segundo esse modo de pensar, todas as instituições, inclusive o casamento, existem para servir-me. Minhas prioridades, meus propósitos e necessidades devem ser satisfeitos. As preferências pessoais tornam-se o padrão quando é necessário decidir o que é certo. As experiências pessoais são o modelo do que é real, e desejos pessoais são a pedra de toque para o que é melhor.¹

Nesse contexto, se meus objetivos, necessidades e prioridades não forem satisfeitos, permanecer casado não faz sentido. No caso de minhas necessidades estarem sendo satisfeitas, essa será a única prova de que sou amado e a única justificativa para eu amar em troca. A unidade “uma só carne”, o “até que a morte os separe” e o “renunciando todas as demais e conservar-se apenas para ela” são conceitos retrógrados hoje. Esse autocentrismo

e tudo o que ele traz consigo também são parte e parcela do adultério do clérigo.

O indivíduo como criador da verdade. Uma diferença básica entre o individualismo do século 17 e o modernismo dos séculos 20 e 21 é a questão da verdade. Hoje ela não é vista como algo objetivo, exercendo influência e convencendo mentes e corações. Não é para ser descoberta, mas criada; não é para ser ouvida, mas intuída. E a diferença é enorme. “Pessoas que descobrem a verdade e pessoas que a criam pensam e se comportam de modos diferentes. Logicamente, os artifices da verdade são limitados por suas próprias regras.”² É porque as opiniões humanas flutuam, também flutuarão as regras de conduta e compromisso, incluindo os votos matrimoniais, que ficam à mercê das mudanças.

Esse tipo de “verdade fabricada” também é um ingrediente-chave na infidelidade sexual.

Fardos insuportáveis. Mas a vida não é mais fácil, agora, do que costumava ser. A liberdade radical desse individualismo gera solidão radical. O cônjuge não está presente quando o outro se encontra sob tempestade. Ele possui suas próprias necessidades e tendências, e se essas não forem satisfeitas, sente-se livre para buscar em qualquer lugar alguém que o faça. Vulnerável e inseguro no seu íntimo, o “Adão” contemporâneo rejeita o diagnóstico de que “não é bom que o homem esteja só” (Gên. 2:18). Ele é demasiadamente obsessivo com o eu, para trocar seu individualismo por “dois [em] uma só carne”.

Mas há ainda um outro fardo: *responsabilidade sem compromisso*. A idéia de arbitrar entre diferentes versões da verdade, objetivos de vida, prioridades e lealdade pode ser ótima até que a verdade, os objetivos e prioridades de outra pessoa cruzam ou cancelam os seus e não há ninguém a quem apelar, porque ninguém têm compromisso com ninguém. Mesmo no auge de um caso, o incrível fardo da solidão, vulnerabilidade e compromisso aterroriza a mente humana, especialmente a do pastor adúltero.

Sobrecarga de sexo. Um elemento profundo e contínuo, em meio desse inconstante subjetivismo autocentralizado, é o sexo. É carregado com a tarefa de ajudar homens e mulheres a se descobrirem e desenvolverem. Gratificação irrestrita sem conseqüências sempre foi uma tentação irresistível, mas hoje é uma norma culturalmente

sancionada. Aqui, a idéia de traição é insignificante. A situação é descrita nestes termos: “Sexualidade é separada do relacionamento; um ato sexual pode ser separado de seu conteúdo e conseqüências. Sexo é apenas sexo; é um bombom emocional; adrenalina ‘natural’ baseada no corpo; ... A expressão sexual é justificada biologicamente; o que trazer prazer e gratificação para o meu corpo é moralmente aceitável.”³

Mas a verdade é que o sexo desenfreado traz dependência, não liberdade. Um pastor recuperado confessa: “É uma questão de vida e morte. A única maneira pela qual eu poderia viver era estar em um relacionamento sexual impróprio. ... Meu vício destruiu minha saúde, meu casamento e minha carreira; trouxe-me dias pavorosos. Felizmente meu coração ainda pulsou até que encontrei a recuperação.”⁴

Reposição de ferramentas. Incapazes de encontrar saídas para sua condição, os homens e mulheres pós-modernos agarram-se a ferramentas virtuais oferecidas por nossa cultura consumista. “A televisão provê o que é efetivo a uma comunidade virtual, algo que as pessoas possam desfrutar sem esforço, compromisso, ou risco, e deixar sem ser vistas ou incomodadas.”⁵ Novelas e outros programas dialogam conosco, fazendo-nos rir e chorar. Na ausência de profundo amor e intimidade conjugal, salas de bate-papo virtual, *websites* interativos e a Internet criam uma comunidade virtual repleta de sexo, ou algo semelhante.

Mas nada disso satisfaz. Só, sobrecarregado, inseguro e viciado no eu, o ser humano opta por esses entorpecentes e outros instrumentos mais desesperados. Sem relacionamento vitalício, a identidade humana é desconstruída e dissipada.

NÃO DO MUNDO

Somente Deus tem meios para curar e conservar seguro o casamento, em uma sociedade composta por indivíduos dissociados. Ele nos chamou (I Cor. 1:2) como uma congregação (Tia. 2:2), uma família (I Tim. 3:15) e um povo para Si mesmo (Rom. 9:25 e 26).⁶ Nossa tarefa é mostrar o que o poder e a graça de Jesus podem fazer por homens e mulheres. Em Seu amor pelo mundo, Deus não poupou Seu Filho, nem Sua igreja como uma comunidade integrada. Ele os colocou aqui para que indivíduos autocêntricos tenham chance de interação. E isso em duas maneiras.

Primeira, interpessoalmente. Tal como um órgão em um corpo junta-se a outro por meio de vasos sanguíneos, nervos, conexão de tecidos e juntas, “assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros” (Rom. 12:5). Eu não posso cuidar dos meus negócios sem afetar os de outra pessoa, porque, como um indivíduo, sou parte dos seus negócios. Segunda, corporativamente. Cada pessoa pertence ao corpo de Cristo. Minha fala, meu toque e minha fantasia afetam todo esse corpo. “Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo” (I Cor. 12:27). O que eu faço sob a sombra da noite afeta minha igreja. Como eu trato minha esposa ou a tecladista da igreja, privadamente, é assunto da igreja. Todos somos membros do corpo de Cristo. A Igreja, hoje, deve agir como uma comunidade integrada, a despeito do desconforto e da veemente oposição de alguns membros pós-modernos.

O casamento cristão deve estar no mundo mas não ser do mundo

Por causa dessa intimidade orgânica, alguém sentirá quando eu for tentado, a menos que não sejamos realmente membros uns dos outros. A Igreja será um ambiente mais seguro para nossa sexualidade e nosso casamento, quando a vontade de Deus, não nossas necessidades pessoais, guiar nossa conduta; quando levarmos a sério nossa responsabilidade por nosso irmão e por todo o corpo; quando desejarmos partilhar com a esposa, ou um amigo do mesmo sexo, algo de nós mesmos, de modo que eles possam sentir quando algo é importante para nós. Sim, quando correspondermos aos conselhos do cabeça da Igreja (Efés. 5:22-33) em lugar dos conceitos que nos rodeiam ou que vêm do nosso íntimo. A Igreja é uma comunidade disciplinada quando intenso ministério preventivo precede às medidas reventoras ou corretivas.

Nós conduzimos nossa sexualidade em amizade cristã. Conseqüentemente, nossas deficiências, resistência, perspectivas, reações e vulnerabilida-

des terão gênero específico. Essas idiossincrasias são direitos divinamente outorgados. Minha igreja pode ajudar a prevenir o adultério quando, como parte do seu ministério, provê orientação cristã a respeito de relações e identidades entre os sexos, incluindo os seguintes itens: Informação sobre nossa sexualidade, seus mitos e estereótipos. Oportunidade para aprender sobre o outro sexo e suas características peculiares. Forte afirmação dos ensinamentos bíblicos sobre masculinidade e feminilidade seguras, contrapostos às distorções populares. Aconselhamento pré-conjugal adaptado a cada estágio da vida. Duas ou três seções breves durante um mês ou dois, antes do casamento são insuficientes.

Pais cristãos devem saber que os filhos aprendem o que casamento, marido e esposa realmente são, através da interação que observam diariamente entre eles. É privilégio da igreja influenciar positivamente o conteúdo de tais lições. Uma instrução mais intensa a respeito do casamento, sexo e sexualidade é indispensável durante a puberdade. A igreja segura nutrirá o casamento e a vida familiar, com insistência, “a tempo e fora de tempo” (II Tim. 4:2), como faz a mídia; só que melhor.

PADRÕES BÍBLICOS

Quando Paulo nos advertiu a não nos conformarmos com este século (mundo), mas a ser transformados, ele não se referia apenas ao mundo exterior. “Este século” (*aión*) também é interior. O joio sempre estará dentro da igreja, até o momento final. Mas deveria ele se tornar o padrão? Note a mudança paradigmática na nova maneira como alguns pensaram dirigir seu pensamento. Em nome da relevância, eles começaram da situação no mundo ao qual desejam falar. Inadvertidamente, talvez, adotaram o modelo de mente e pressuposições que operam na cultura mundana e, assim, transformam a teologia, tornando-a contextualmente inofensiva.

Mas essa teologia pode não ter efeito. A tradição profética da Bíblia nos ensina a começar das pressuposições bíblico-teológicas e então confrontar os assuntos sociais com a Palavra de Deus, de uma forma culturalmente sensível. Nossas crenças e nossa identidade devem desafiar o criticismo e as pressuposições pós-modernos, justamente por causa da relevância.⁷ Deve-

mos confiar na Palavra de Deus. Nossa missão não é irrelevante quando permanecemos nos paradigmas da interpretação bíblica.

A Igreja foi chamada a ser um agente de mudança – o sal e a luz dentro de seus muros – antes de causar impacto no mundo. Se desejamos ser uma comunidade segura para nosso casamento, devemos ser conhecidos como um povo que investe tempo, energia, talento e meios nessa tarefa. Um casamento cristão não é perfeito só porque um homem e uma mulher unem-se sob a bênção de Deus. Isso é apenas o começo. O casamento é o lugar onde santos em perspectiva abrem-se como em nenhum outro contexto, e a nenhuma outra pessoa confiável cujo destino está entrelaçado com o nosso.

COMUNIDADE RESTAURADORA

Os cônjuges necessitam encontrar um lar na igreja. É aí que suas tensões, dúvidas, tentações, seus ciúmes e temor do desconhecido são partilhados com irmãos e irmãs confiáveis, que não descansam até que o problema esteja resolvido. A igreja deve ser diferente do mundo. Será isso fora da realidade? Pode uma tal comunidade ser vista ainda hoje? Quem está desejoso de cuidar tão profundamente, estar tão envolvido nos traumas alheios? Já não têm todos suficientes problemas? Quem dentre nós está disposto a atrair outros para sua câmara privada? Estou sonhando? Não; mas este é o sonho de Jesus: que Sua igreja seja sem ruga, santa e sem defeito.

Com esse alvo em vista, Ele nos envia àqueles em nossa comunidade que privativamente desejam partilhar falhas conjugais, dolorosos segredos, àqueles que se sentem como “alienígenas indesejáveis”, lutando para sobreviver. Ele está atento às vítimas da infidelidade sexual, cuja capacidade de amar o cônjuge já se foi. O que dizer a tais pessoas? Onde enviá-las? Onde enviar um pastor e sua esposa em tal situação?

Primeiramente devemos apontar-lhes Jesus Cristo. Ninguém pode fazer o que a comunhão com Ele e Sua influência direta podem realizar. Ninguém luta por nós como Miguel, o grande Príncipe (Dan. 10:21). É um privilégio convidar pessoas a um contato mais íntimo com Sua Igreja. Af elas podem unir-se a indivíduos de todo nível educacional, experiência, e de várias idades. Consciente dessa riqueza de

recursos na Igreja, Paulo aconselha Timóteo e Tito a engajar todo mundo em algum tipo de serviço (I Tim. 3:4; Tito 2:1-15; 3:1-11). Foi para isso que os dons espirituais foram outorgados. Seminários de enriquecimento matrimonial, por exemplo, ensinam habilidades para comunicação, resolução de conflitos e interação sexual. Nosso casamento deve permanecer em conexão com a igreja, o corpo de Cristo.

Mas em um caso real, ou adultério, é necessário muito mais. Recursos espirituais como oração, jejum, solicitude, meditação na Palavra de Deus, perdão, confissão e louvor são necessários para superar as armadilhas. Se esses hábitos não forem desenvolvidos, ficaremos vulneráveis. Também existem organizações fora da igreja que provêm ajuda altamente especializada a vítimas de abuso sexual. Podemos recomendar esse auxílio.

Em suma, um casamento cristão, com suas características únicas, deve estar “no mundo”, mas não deve ser “do mundo”, que promove autogratificação e individualismo autocêntrico. A Igreja cristã é desafiada a construir uma comunidade que dê apoio certo a lares e casamentos cristãos.

“Homens e mulheres podem atingir o ideal de Deus a seu respeito, se tomarem a Cristo como seu ajudador. O que a sabedoria humana não pode fazer, Sua graça realizará pelos que a Ele se entregarem em amorosa confiança. Sua providência pode unir corações com laços de origem celestial. O amor não será mera troca de suaves e lisonjeiras palavras. O tear do Céu tece com trama e urdidura mais fina, porém mais firme, do que se pode tecer nos teares da Terra. O resultado não é um tecido débil, mas sim capaz de resistir a fadigas e provas. Coração unir-se-á a coração nos áureos vínculos de um amor que é perdurável.”⁸ ◻

Referências:

- 1 David E. Daye, “The Influence of Postmodernism on the Family: A Biblical-Sociological Analysis” (Tese de Mestrado, Trinity Evangelical Divinity School, 2002), pág. 9.
- 2 Alice P. Mathews e M. Gay Hubbard, *Marriage Made in Eden* (Grand Rapids: Baker, 2004), pág. 39.
- 3 *Ibidem.*, págs. 45 e 46.
- 4 Anônimo, “Sexual Addiction”, *Pastoral Psychology*, 39, n° 4, (março de 1991), pág. 266.
- 5 Mathews e Hubbard, *Op. Cit.*, pág. 53.
- 7 Raoul Dederen, ed., “The Church”, *Handbook of Seventh-day Adventist Theology* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2000) págs. 547-549.
- 8 Ellen G. White, *O Lar Adventista*, págs. 112 e 113.

REFLEXÕES SOBRE INTEGRIDADE

"Caráter é o que um homem é na obscuridade." - *D. L. Moody*

"Reputação é o que as pessoas pensam de nós; caráter é o que Deus conhece sobre nós." - *Anônimo*

"Um homem é o que é, não o que dizem que ele é. Seu caráter é aquilo que ele é diante de Deus; e somente ele mesmo pode prejudicá-lo." - *John B. Gough*

"O modo como nos comportamos é o reflexo mais fiel daquilo que cremos." - *Michel de Montaigne*

"A integridade é para o caráter pessoal ou corporativo o que a saúde é para o corpo, ou a visão para os olhos." *Warren Wiersbe*

"A pessoa íntegra possui um só coração. Ela não tenta amar a Deus e ao mundo ao mesmo tempo. Possui também uma só mente, que a mantém na direção certa. Tem uma só vontade, buscando servir a um único Senhor." *Warren Wiersbe*

"A integridade não toma o caminho fácil, não faz as escolhas fáceis, nem escolhe o caminho dos 'prazeres transitórios'." - *Charles Swindoll*

"Não existe melhor maneira de provar a integridade de uma pessoa, do que observar seu comportamento quando ela tem se enganado." - *Anônimo*

"Não existe, neste mundo, uma superioridade real que possa ser separada da vida correta." - *David S. Jordan*

"Homem honesto, à maneira de Cristo julgar, é o que manifesta inflexível integridade. ... Não venderá sua alma por lucro. Seus princípios são edificados sobre o firme fundamento, e sua conduta em assuntos atemporais é um transcrito de seus princípios." - *Ellen G. White*

"Ser exemplo é a retórica mais poderosa." - *Thomas Brooks*

"A firme integridade brilha como ouro entre o cascalho do mundo. Engano, falsidade e infidelidade podem ser dissimulados e ocultos aos olhos humanos, mas não dos olhos de Deus." - *Ellen G. White*

"O conhecimento sem integridade é perigoso e prejudicial." - *Samuel Johnson*

"Sem integridade, não existe liberdade. A integridade é o que livra a liberdade de converter-se em libertinagem." *Anônimo*

"A causa da verdade presente está precisando de homens que sejam leais à retidão e ao dever, cuja integridade moral seja firme, e cuja energia seja comparável à generosidade da providência de Deus. Homens que possuem essas qualidades terão influência em toda parte. A vida deles é mais poderosa do que eloquência sublime." *Ellen G. White*

"A qualidade de nossa fé determina o caráter de nossa conduta." - *Wayne Geisert*

"Não pergunte como alguém morreu, mas como viveu. Não pergunte o que ganhou, mas o que deu. Esses são os parâmetros para medir o valor de um homem, sem atentar à sua origem. Não pergunte à qual classe social pertencia, mas se teve coração. Pergunta como ele desempenhou o papel recebido de Deus: Esta-va sempre pronto para animar, fazer rir, enxugar alguma lágrima?" - *Anônimo*

Adaptado de *Apuntes Pastorales*, vol. 22, nº 3, usado com permissão

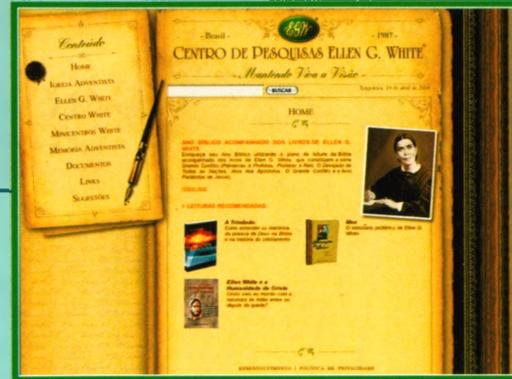
CENTRO WHITE PÕE NOVO SITE NO AR

No dia 6 de abril, foi reinaugurado, na capela do curso de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp, campus de Engenheiro Coelho, o novo site do Centro de Pesquisas Ellen G. White do Brasil, cujo endereço é www.centrowhite.org.br

O site foi disponibilizado originalmente em maio de 2003, por ocasião da celebração dos 20 anos daquele campus do Unasp. Mais recentemente, sentiu-se a necessidade de reformular o visual e acrescentar novos materiais. Os esforços culminaram com uma cerimônia de dedicação, coordenada pelo Pastor Alberto R. Timm, diretor do Centro de Pesquisas, e com a participação especial de Ênio Scheffel Júnior e Rita C. Timóteo Soares. A oração de dedicação foi proferida pelo Pastor José Paulo Martini, pró-reitor daquele campus do Unasp.

O objetivo do site é colocar à disposição vários materiais de interesse da igreja, incluindo informações sobre a denominação, sua história, o ministério profético de Ellen G. White, sermões sobre o dom profético, bem como respostas a questionamentos contemporâneos.

Um número significativo de documentos já está disponível no site, mas o plano é enriquecer o acervo com o acréscimo constante de novos materiais. Esse site deverá se tornar importante fonte de informações sobre a Igreja Adventista do Sétimo Dia e sua mensagem em uma época de muitas distorções e contestações doutrinárias.



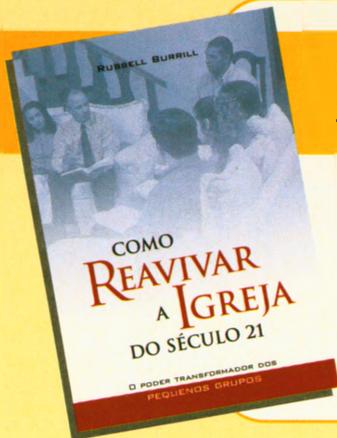
DICAS PARA UM MINISTÉRIO DE ÊXITO

1. Construa seu ministério pastoral sobre o fundamento de uma vida devocional significativa e constante.
2. Aprenda a cultivar em sua vida o senso da presença de Jesus e do Espírito Santo.
3. Desenvolva um ministério de discipulado.
4. Treine e equipe os membros de suas congregações.
5. Evite ser apenas um extintor de incêndios. Use medidas preventivas contra as crises.
6. Não espere as coisas acontecerem. Faça com que elas aconteçam.
7. Procure sempre restaurar o pecador, antes de condená-lo.
8. Organize a igreja para as atividades missionárias, de acordo com os dons de cada membro.
9. Partilhe a tarefa com líderes voluntários.
10. Viva a alegria e a certeza do seu chamado

Colaboração do Pastor David Moróz, jubilado e residente em Curitiba, PR

Humor





COMO REAVIVAR A IGREJA DO SÉCULO 21

Russell Burrill, Casa Publicadora Brasileira, 176 páginas;
Tel.: 0800-990606 – E-mail: sac@cph.com.br

Este livro analisa a necessidade urgente de recuperar o senso de comunidade através de grupos relacionais. Mas ele não é apenas mais um livro sobre como conduzir pequenos grupos. É um apelo, enraizado na experiência inicial do cristianismo e do adventismo, para transformar os pequenos grupos no princípio organizador da igreja.

UMA NAÇÃO BAJO LA AUTORIDAD DE DIOS?

Clifford Goldstein,
Associação Casa Editora Sudamericana, 191 páginas;
tel.: 54 (11) 4760-2426 – e-mail: aces@aces.com.ar



Em *Uma Nación Bajo la Autoridad de Dios?*, Clifford Goldstein explora o estado atual da liberdade religiosa na América do Norte. À medida que a sociedade se torna mais intolerante e motivada pelo temor, fica mais tenso o controle da chamada Nova Direita Cristã na política norte-americana. Goldstein expõe os mais recentes ataques à liberdade e mostra quão facilmente católicos e protestantes poderão derrubar as barreiras entre Igreja e Estado, abrindo o caminho para a lei dominical da profecia.

JÓ: UM HOMEM DE TOLERÂNCIA HERÓICA

Charles Swindoll,
Editora Mundo Cristão, 430 páginas;
tel.: (11) 5668-1700 – www.mundocristao.com.br



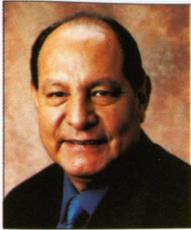
Este é o novo título da série “Heróis da Fé”, na qual Charles Swindoll traça o perfil dos personagens bíblicos que se notabilizaram pela atitude de confiança irrestrita e incondicional em Deus, mesmo quando submetidos aos mais duros testes de fidelidade espiritual.

VEJA NA INTERNET www.pastoronline.com.br

Esse site oferece uma ferramenta de busca na Internet, o Guia Evangélico, bastante útil quando se necessita encontrar produtos ou serviços evangélicos no Brasil. A busca pode ser feita por palavra ou escolhendo diretamente uma das áreas, como: Compras online, Cultura, Educação, Esportes, Indústria e Comércio, Lazer, Notícias, Saúde, etc., e o resultado serão links de empresas, veículos ou conteúdos evangélicos.

Além disso, o site tem bom conteúdo nas seções: Estudos Bíblicos: são contribuições de pastores evangélicos brasileiros ou textos traduzidos, que discutem assuntos contemporâneos à luz dos ensinamentos bíblicos; Palavras que edificam: essa é uma boa fonte de ilustrações para sermões; Música gospel: indica emissoras de rádio e fornece midis e letras de hinos com cifras. – Márcio Dias Guarda





Alejandro Bullón

Secretário ministerial da
Divisão Sul-Americana
da IASD

NÃO DESANIME

Estou de volta ao escritório, depois de haver participado de várias reuniões com pastores e anciãos de igreja. Ouvi as lutas que alguns ministros enfrentam. Inclusive falei com um colega que estava pensando em abandonar o ministério, porque sentia não ter mais forças para resistir às dificuldades.

Hoje, abri minha Bíblia para meditar mais uma vez na vida de um ministro que muito me inspira: Paulo. Ele foi também um pastor como você e como eu. Muitas vezes, enfrentou lutas terríveis no trabalho. Em certa ocasião, escrevendo aos coríntios, disse: “Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação... porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida” (II Cor. 1:8). O quê? Um gigante do evangelho, como foi Paulo, sentindo vontade de morrer, desesperado em um determinado momento da vida? Foi exatamente assim; e isso traz esperança ao meu coração. Se ele, apesar das lutas, conseguiu sair vitorioso, também eu, em nome de Jesus, posso vencer as dificuldades que o inimigo muitas vezes coloca em meu caminho.

Qual foi o segredo que levou Paulo à vitória? Na verdade, foram vários. Mas, desta vez, permitam apresentar apenas o que ele mesmo registra em II Coríntios 4:1: “Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos.” E, no verso 16, acrescenta: “Por isso, não desanimamos.” É verdade que o ministério de Paulo foi muito parecido com o nosso. Enfrentou lutas terríveis na igreja, por causa de alguns irmãos que rejeitavam sua autoridade apostólica. Experimentou pressões interiores, próprias da natureza pecaminosa que todos carregamos; deparou-se com circunstâncias difíceis em tempos quando os meios de transporte não existiam e os poucos disponíveis eram totalmente precários. No entanto, ele afirma convicto: “não desfalecemos”; “não desanimamos”.

Segundo o texto, uma das coisas que proveu sustentação ao apóstolo foi a consciência de que seu ministério era glorioso. Ele tinha recebido esse minis-

tério do próprio Senhor Jesus Cristo, “pela misericórdia que nos foi feita”. Isso significa que nem você nem eu somos pastores apenas porque cursamos a Faculdade de Teologia, ou simplesmente porque a mesa administrativa de um Campo nos estendeu um chamado. Nada merecemos, porque somos apenas “vasos de barro” (v. 7). Somos ministros unicamente pela misericórdia de Deus. Somos pastores porque Ele, em Sua infinita sabedoria, um dia viu que poderia nos usar para Sua glória e honra; porque nos amou e porque entre milhares de seres humanos nos chamou à parte e nos confiou uma sagrada missão.

Essa consciência de santidade, de misericórdia e de graça, de seu ministério fez com que Paulo, nos momentos mais escuros, tristes e dramáticos de sua vida afirmasse: “não desfalecemos”; “não desanimamos”. A pergunta que cada um de nós deve hoje a si mesmo é: Tenho, porventura, clara a consciência de que meu ministério é glorioso? Ou sou apenas um profissional que lida com coisas espirituais?

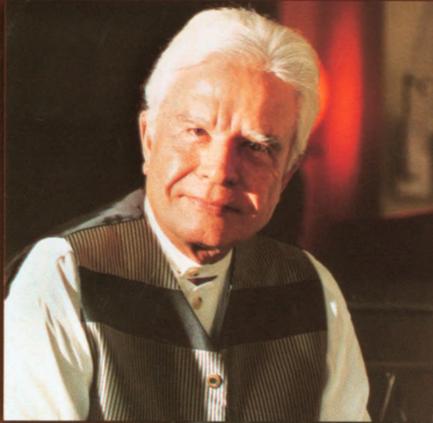
Em certa ocasião, um jovem aspirante procurou um experiente pastor para dizer-lhe o seguinte: “Estou atravessando dificuldades terríveis e pensando até em desistir.” A resposta do idoso pastor foi: “Não se atreva; milhares de anjos que estão em volta do trono de Deus desejariam estar no seu lugar.”

Como escreveu a Sra. Ellen White, “alguns olham sempre ao lado objetável e desanimador, e portanto, deles se apodera o desânimo. Esquecem que o universo celeste espera por torná-los instrumentos de bênçãos para o mundo; e que o Senhor Jesus é um tesouro inesgotável do qual os crentes podem tirar força e coragem. Não há necessidade de desânimo e apreensão. Nunca virá o tempo em que a sombra de Satanás não se atravesse em nosso caminho. ... Nossa fé, porém, deve penetrar essa sombra” – *Obreiros Evangélicos*, págs. 265 e 266

É isso, pastor. Em suas horas de sofrimento e luta, volte os olhos para Jesus, Sua misericórdia e Sua graça, levante a cabeça e diga: “não desanimarei”; “não desfalecerei”.

**Somos
ministros pela
misericórdia de
Deus; porque Ele
um dia viu que
poderia nos usar
para Sua glória
e honra**

CHEGOU A *Bíblia em Áudio – vol. 1, na voz de Cid Moreira*



Charitas – Foto: Divulgação



A Bíblia em Áudio é uma coleção de CDs, em 15 volumes, que disponibiliza todo o conteúdo das Escrituras Sagradas para audição. A cada volume, serão apresentados os textos do Antigo e Novo Testamentos seguindo a ordem em que aparecem na Bíblia. Esta é uma obra que você precisa colecionar. Com ela, você poderá ouvir a Palavra de Deus em todos os momentos, onde estiver: no carro, no trabalho, em viagens, em família... Tudo numa linguagem simples e acessível a pessoas de todas as idades.

**Faça o seu
pedido agora
mesmo!**

Bíblia em Áudio – vol. 1
Cód. 8744
Contém 6 CDs com textos na versão Nova Tradução na Linguagem de Hoje do Antigo e Novo Testamentos (de Gênesis 1 a 35 e de Mateus 1 a 14)

Para fazer seu pedido, ligue: 0800-990606* ou acesse: www.cpb.com.br

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h30 / Sexta, das 8h às 16h / Domingo, das 8h às 14h.

